

HOTEL DE ESPIÕES

Gary Belsan



Quando o soldado Danny Webler das forças aliadas tira uma merecida licença na capital francesa, não imaginava como sua vida sofreria uma reviravolta.

Achando que ajudava seus compatriotas americanos, mas na verdade enganado por espiões alemães, ele

assume a identidade de outro homem. E na pele desse homem ele conhece Dúnia, a mulher que o fará repensar sua vida desregrada. Porém uma série de mal entendidos os separa.

Achando que perdeu a mulher que ama, Danny lutará contra os alemães para salvar o mundo de uma catástrofe, e se vingar por ter sido enganado.

Disponibilização: Lukka

Digitalização: Marina

Revisão: Cláudia

Formatação: Edina



CAPÍTULO I

HÁ muito tempo Paris não vivia uma noite como aquela de 23 de agosto de 1944. O que acontecera naquele memorável dia era motivo mais do que suficiente para modificar a fisionomia da luminosa capital da França ou, melhor, para fazê-la recobrar, se não por completo pelo menos em parte, seu tradicional caráter de metrópole alegre e agitada.

Desde que, quatro anos antes, as tropas alemãs começaram a entrar na cidade pela porta de Saint Donls, atravessando ruas desertas, com portas e janelas hermeticamente fechadas, Paris se transformara numa cidade enferma, sem alegria nem animação, esvaindo-se pelo ferimento causado pela presença dos soldados da outra margem do Reno em suas praças e avenidas.

Mas, naquele dia, as divisões de Koenig e os tanques de Patton e Montgomery haviam desfilado em triunfo pelo famosíssimo Campo Eliseos, entre a emoção e alegria de um povo agradecido, que rompia as formações para abraçar os compatriotas ou os aliados americanos e ingleses, dando vivas aos três países e a seus homens mais representativos.

Ao chegar à noite, a animação não decaiu e Paris voltou a ser a cidade luminosa de sempre, apesar de a maior parte das tropas que haviam entrado na cidade permanecerem acampadas ou em prontidão nos arredores.

Embora em retirada e atacado por todos os lados, o inimigo ainda estava próximo e os libertadores não podiam arriscar-se a serem vítimas de um contra ataque de surpresa.

Danny Webler, do Vigésimo Primeiro Regimento de Tanques, era um dos poucos



Hotel de Espiões – Gary Belsan

soldados americanos que tivera permissão, na primeira noite, para passear pela cidade.

O fato de ele ter sido distinguido com aquela exceção era justificado. Desde que, há mais de ano, Danny penetrara na Sicília pilotando um dos famosos e valiosíssimos amphibious ducks* da Marinha aliada, não conseguira um só dia de licença em algumas das cidades italianas ou francesas que foram sendo conquistadas.

Por isso Danny divertia-se ao máximo na cidade, apesar de não poder gozar da companhia de nenhum de seus companheiros.

Percorreu um após outro, todos os salões de dança e os bares que encontrou pelo caminho e, em menos de seis horas, já esbanjara a maior parte de suas economias de dois anos de serviço.

Danny Webler era sozinho no mundo. Sua viria, na longínqua Chicago, nunca fora cheia de alegrias e partir para a guerra pouco o preocupara, e ainda menos o fato de arriscar a vida.

*** “Amphibious ducks” nome dado a enormes barcas que, depois de se aproximarem por mar, vomitando fogo e transportando homens e toda espécie de material de guerra, seguiam praia acima, agarrando-se ao solo como mistos, para prosseguirem terra adentro, destruindo tudo por onde passavam.**

Durante alguns minutos, apoiado a um muro, tentou recordar a direção do acampamento onde devia apresentar-se de madrugada.

O esforço foi inútil. A memória negou-se a ajudá-lo e todos os nomes, mais ou menos imaginários, que pronunciou com dificuldade, não o convenceram de estar perto do que procurava.

Talvez não agradasse muito viver longe de seu “ambiente”. Mas, quanto a passar dificuldades, já estava mais do que habituado.

Seus chefes e companheiros louvavam a destemida coragem de Danny. Não podiam saber que isso acontecia porque o moço, inconscientemente, sentia-se esmagado pelo peso de uma vida vazia. Várias vezes, arrastado por más companhias, estiver prestes a mergulhar no vício, mas sua honradez inata sempre o salvara.

Acostumado a beber, não conseguia suportar bem a abstenção forçada da campanha. Pretendia libertar-se logo que isso lhe fosse possível, e o vinho francês não tardou a subir-lhe à cabeça.

Cada vez mais inseguro em suas pernas vacilantes, Danny perambulou por ruas e praças, seguido por olhares amáveis e condescendentes de todos que com ele cruzavam.

Do repente, parou e olhou em volta com a expectativa estúpida dos bêbados. Não porque o lugar onde se encontrava lhe fosse



Hotel de Espiões – Gary Belsan

menos desconhecido do que outros por onde já passara, mas a rua onde se achava, em pleno coração de Montmartre, refúgio do que há de mais torpe e sórdido na cidade, tinha um aspecto miserável e escuro, como jamais vira.

– Devo estar num subúrbio – monologou, arrastando as sílabas, enquanto seu corpo não parava de oscilar. – Dá no mesmo... Vou voltar para... Diabos!... Acho que... Que esqueci para onde tenho que voltar...

Por fim, afastou um objeto invisível e continuou andando, com cômica e filosófica expressão.

– Vou pegar um táxi – resmungou. – O chofer deve saber claro que tem que saber... E se não souber... Ah!

A exclamação saiu ao divisar a placa que havia numa porta envidraçada: Brasserie Les Faubouí'gs. Brasserie* era uma das primeiras palavras francesas que Danny aprendera.

Dirigiu-se para lá, sempre monologando.

– Vou beber um troço aqui... Sim... Mas, depois, vamos dormir... Este tem que ser o último, não é Danny... Você já deve estar bêbado e... Hip!... Se o sargento notar, amanhã... Hum!

Empurrou a porta com mais força do que a necessária e entrou, cambaleando, no bar. Conseguiu equilibrar-se com grande esforço e ficou olhando em volta, com uma expressão cômica.

***Brasserie: Cerveja.**

Aquele lugar era uma taberna de ínfima categoria, quase irrespirável, e fazia um calor insuportável. Ali não costumavam dançar, mas naquela noite os frequentadores haviam organizado uma festa em honra dos libertadores e esta estava em pleno apogeu.

Uma infinidade de pares, cujo elemento masculino era constituído por homens maduros ou rapazes excessivamente jovens, lutava no reduzido espaço de que dispunham para seguir o ritmo aloucado que uma orquestra improvisada acabara de iniciar. Os que não dançavam bebiam e gritavam nas mesas, numa algazarra infernal.

Todos riam e se agitavam. A alegria imperava naquele ambiente e, à primeira vista, não parecia haver ali ninguém sério ou tranquilo. No entanto, essa primeira impressão era falsa.

A um lado, em uma mesa situada debaixo de uma escada, dois homens olhavam com desprezo aquele espetáculo. Estavam calados, não compartilhavam da alegria geral; mas, se alguém os olhasse ou



Hotel de Espiões – Gary Belsan

passasse perto deles, notaria em seus rostos um sorriso falso de confraternização e simpatia, como se eles também estivessem felizes com a libertação de Paris.

Não conseguiam disfarçar que não estavam habituados a frequentar lugares como aquele. Vestiam roupas surradas, como parisienses de baixa classe, mas tinham maneiras e gestos que desmentiam aquela condição.

A verdade era que Alfred Schuwez e Rodolfo Von Spen, agentes da Gestapo em Paris, não estavam ali por gosto. Se haviam entrado no Les Faubourgs, fora só por julgarem que ali ficariam mais seguros do que em qualquer outro lugar.

A princípio, Danny passou despercebido. Isso pouco importava e, quando conseguiu orientar-se, se dirigiu para o bar, esquivando-se, com dificuldade, dos pares que impediam a passagem.

Loquaz sempre que bebia, continuava resmungando coisas relacionadas com o aspecto do bar.

– Hum!... Isso é pior do que o pior dos antros de Chicago!... Todo mundo está bêbado... Isso é o próprio inferno!... Isso mesmo, o inferno... Ou então uma de suas sucursais... Nem se pode respirar...

Tinha chegado ao balcão e debruçou nele com toda a comodidade, depois de jogar no chão um copo que o incomodava.

– Ei, você aí! Ponha uma bebida aqui!

O garçom não entendeu nada, mas como o gesto era eloquente, apressou-se em colocar diante dele um copo cheio de um dourado vinho de Bordéus que trouxe um brilho aos olhos turvos do americano.

Danny bebeu até a última gota, estalando a língua ruidosamente e, puxando do bolso notas de cinquenta e cem francos, jogou-as amassadas sobre o balcão, com ar desprezado.

Depois se voltou para os que dançavam e contemplou-os com ar afável, enquanto o garçom fazia o dinheiro desaparecer rapidamente. Sabia que o cliente esbanjador era um soldado americano ou inglês, um libertador de seu país, mas... Negócio é negócio.

Uma mulher, exageradamente pintada, levantou-se com grande espalhafato. Avançou por entre os pares até chegar junto a Danny e apoiou-se ao balcão, bem perto dele.

– Não me convida, valentão? Escute aqui, orgulhoso. É claro que você não deve me entender...



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Danny voltou-se para a recém-chegada e olhou-a com curiosidade. Graças a um velho alemão, seu antigo amigo, conhecia bastante bem a língua alemã e um pouco de sueco, mas de francês não entendia uma palavra. Depois do exame, fez um leve gesto de desprezo.

— Eu gostaria de saber o que está dizendo esse mostruário de perfumaria — murmurou, filosoficamente. — E também como é que se diz em francês: dê o fora.

— "Parlez-vous français?" — perguntou a mulher, ensaiando, sem êxito, um muxoxo que pretendia ser gracioso.

Danny compreendeu a pergunta e negou com a cabeça. Depois, vendo que ela pouco se importava com esse contratempo, afastou-se.

O corpo exigia-lhe descanso, aos gritos, e decidiu deixar o café. Não sabia que estava sendo alvo de uma estranha conversa mantida pelos dois alemães, que o olhavam curiosos.

Quando, depois de beber, Danny se voltara de costas para o balcão, Alfred chamara a atenção do companheiro, batendo-lhe no braço. Rodolfo voltou-se para ele e aquele, então indicou que se fixasse no soldado americano. Von Spen assim fez e em sua fisionomia se estampou o mais profundo assombro.

— Espantoso! É espantoso! — repetiu em voz baixa. — Realmente assombroso!

— Percebeu? Esse homem pode ser extraordinariamente útil, em Estocolmo.

Os olhos acinzentados de Von Spen animaram-se. Evidentemente não via relação entre a presença de Danny e os objetivos de seu companheiro. Agora, porém, começava a compreender e a perspectiva esboçada por Schuwez. Mesmo assim, pareceu encontrar algum inconveniente.

— Sei o que está pretendendo — murmurou, — mas isso não vai ser nada fácil. Esse inglês, ou seja, lá o que for não se vai prestar a...

— Podemos enganá-lo.

— Não compreendo.

— Podemos fazê-lo acreditar que com isso está servindo ao seu país. Olhe, uma daquelas mulheres está aproximando dele.

Os dois alemães ficaram vigiando o par. Depois, quando viram Danny dirigir-se para a saída, resolveram agir.

— Vai embora! — murmurou Schuwez. — Temos que distraí-lo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Mas, como? Isso nos pode custar à pele.

– Não sei, mas o risco vale a pena. Pratao nos felicitará. Telefone a Mark. Diga que esteja lá fora com o carro, dentro de dez minutos.

Os dois homens levantaram-se. Com ar preocupado, Von Spen se dirigiu para a saída. Seu companheiro foi ao encontro de Danny e agarrou-o, amavelmente, pelo braço.

– Alô, compatriota! – exclamou em perfeito inglês. – Eu ficaria muito aborrecido se você fosse embora, sem beber alguma coisa comigo.

– Compatriota? – repetiu Webler, de língua engrolada. – Você... Hip! Você... É americano?

– Naturalmente, moço! Só que já estou há muito tempo em Paris. Venha, sente-se aqui. Eu tinha muita vontade de falar com um de vocês.

Contente de ter encontrado um compatriota com quem pudesse falar na própria língua, Danny deixou-se conduzir por Schuwez para a mesa que os dois alemães ocupavam pouco antes. Lembrou-se, somente, de lhe fazer uma advertência:

– Previno-o de que estou disposto a voltar, agora mesmo, para o acampamento. Não quero me embriagar para que não aconteça de eu não chegar lá na hora marcada e... Conhece o sargento Evans?

– Não tenho o prazer.

– Aperte aqui! Eu também queria não ter o prazer de conhecê-lo – riu estupidamente, passando, com a rapidez própria dos bêbados, à maior seriedade. – É um sujeito perigoso, sabe? Por isso não quero encrencas com ele. Tenho que voltar para o acampamento.

Estavam perto da mesa. Schuwez o obrigou a sentar-se, logo se acomodou a seu lado. Danny continuava falando e o que dizia chamou a atenção do outro.

– Mas há um pequeno inconveniente... Não sei onde estou acampado. Tem graça, não é?

Danny colocou as duas mãos abertas diante do rosto, em posição horizontal, depois abriu os braços, num gesto que pretendia expressar a mais completa desorientação.

– Esqueci! – afirmou, ao mesmo tempo. – Esqueci por completo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Não se preocupe. Eu sei onde estão reunidos seus companheiros.

– Sabe, mesmo?

– Sim. E será um prazer acompanhá-lo até lá.

– Oh, não se incomode!

– Não há incômodo. Vamos aceite um copo de Listrac e depois eu o levarei ao acampamento. É o mínimo que posso fazer por um dos valentes libertadores.

O falso americano afastou levemente o corpo e, batendo palmas, gritou num francês quase correto:

– Garçon: deux verres de Listrac!

– Você fala bem francês, não é?

– O contrário é que seria estranho. Estou em Paris há doze anos e não há nada melhor para aprender um idioma do que conviver com os nativos.

– Naturalmente. Mas se for por pouco tempo... Hip!... A gente logo esquece, não é? Como é mesmo que disse que se chama?

– Ainda não lhe disse.

– Ah! Bem que eu estava estranhando ter esquecido tão depressa.

– Meu nome é... Stainer. Jim Stainer.

– E o meu, Danny Webler. Toque aqui! Alfred apertou a mão que ele lhe estendia. O garçom estava servindo o que haviam pedido.

– Eu sou de Chicago, Illinois. E você?

– Oh! Eu nasci muito longe de lá, num povoado da Geórgia.

– Pois, como eu estava dizendo... Hip!... A gente logo esquece uma língua estrangeira. Passei quase um ano na Itália e... E eu, já tinha aprendido algumas coisas. Um pouco só, sabe? O bastante para me entender com os... Hip!... Com os nativos. Por que...

– Não quer beber? É delicioso.

Webler bebeu de um só gole todo o conteúdo do copo e, limpando os lábios com o dorso da mão, continuou falando. Habitualmente calado, sob os efeitos do álcool falava sem parar.

– Mesmo que não acredite, fique sabendo que, desde que desembarcamos na Sicília, não tive um único dia de licença... Este é o primeiro... Por isso é que estou aproveitando.

– E faz muito bem.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Schuwez bebeu um gole, ocultando o verdadeiro sentido de seu interesse, formulou uma pergunta:

– Entraram aqui muitas forças americanas?

– Não sei. Talvez duas divisões... Talvez mais.

– É a aviação?

– A aviação apoiou-as constantemente durante o avanço. O que não consigo me explicar é de onde partem os aviões.

No fundo dos olhos foscos de Danny, brilhou uma luz fugaz. Era como um brilho de inteligência num cérebro embotado. Alfred ficou inquieto.

– Sabe, Stainer, você pergunta demais.

– Bem, Danny, não vá levar a mal minha curiosidade. Se pensa que é melhor não me responder, está certo; não se fala mais nisso. Só o que eu queria era... Como direi alegrar-me com o poderio e a organização do exército de minha pátria. Espero que me compreenda.

– Sim, sim, compreendo. Mas, permita-me que não responda, sim? Há muitos ouvidos por aqui e... Hip!... Mesmo estando bêbado, não quero cometer nenhuma imprudência. Em Paris ainda pode haver muitos espiões inimigos.

– Não tem por que se desculpar. Eu tenho o mesmo interesse que você na vitória final de nossos compatriotas.

– A propósito, você acha que eu estou bêbado?

– Oh, não, Danny! Só está um pouco alegre.

– Claro! É isso mesmo que eu penso. A prova é que estou percebendo tudo. É preciso muito mais que isso para derrubar um Danny Webler... Isso pode confirmar... Hip!... Alguns amigos de Chicago. Ah! Aquilo é que era vida e não essa peregrinação, perseguindo os alemães.

Embora contra a sua vontade, Danny ia-se curvando lentamente sobre a mesa. O sono vencia. Alfred logo notou isso, erguendo-se, jogou junto aos copos vazios uma nota de cinquenta írancos e, agarrando o americano por um braço, arrastou-o delicadamente para a saída.

– Vamos, Danny, você tem que voltar para o acampamento.

Resmungando que ainda podia beber muito tempo sem cair e nem dormir, Danny deixou-se arrastar para a rua pelo falso amigo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Ao chegar ali, Schuwez olhou, rapidamente, em volta. A uns dez metros de distância, quase oculto na escuridão que o cercava, encontrava-se estacionado um pequeno carro cinzento escuro.

– Que sorte! – disse o alemão, fingindo alegria. – Olhe, ali temos um táxi. Tomara que esteja livre.

– Tem que estar – afirmou Webler, com a decisão e teimosia próprias de um bêbado. – Porque eu preciso... Eu, um soldado que combateu. .. Hip!... Por Paris e pela França. Vou falar com o motorista.

Chegaram perto do carro. Ao volante, sério e mudo, encontrava-se Mark. Do outro lado, semioculto pela escuridão, Rodolfo permanecia em expectativa.

– Hum! – resmungou Danny, parando diante do carro. – Que táxi elegante! Parece...

– Etez-vous libre, chaulieur? – interrompeu-o Schuwez.

– Oui, monsieur.

– Vamos, Danny, suba.

– Mas, Stainer... Você esqueceu-se de perguntar se... Se ele sabe onde é o acampamento...

– Claro que ele sabe. Todos os motoristas de Paris já sabem. É a obrigação deles.

Reclamando por ser contrariado, Danny entrou no carro, deixando-se cair pesadamente no banco.

Continuava estranhando certas características do táxi. Schuwez entrou atrás dele, no mesmo instante em que Von Spen subia pelo lado oposto. Danny, então, sobressaltou-se.

– Ei! O que significa isso? Eu vou para...

O golpe, desferido por Schuwez na cabeça de Webler com a coroa do revólver de pequeno calibre, ao mesmo tempo em que o carro se punha em movimento, fez com que este caísse no banco, com um leve gemido.

– Acha que isso vai bastar? – perguntou Rodolfo, desembaraçando-se do corpo do americano, que caíra sobre ele.

– De qualquer modo, vou atá-lo e amordaçá-lo. Depois, vamos deitá-lo no chão. Ele poderia acordar no momento mais inoportuno.

Expressavam-se em alemão, sem erguer muito as vozes. Na frente, Mark só se preocupava em dirigir o carro, sem fazer o menor comentário. Os outros procuravam garantir o silêncio do prisioneiro.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Perguntou a Mark como está o caso do avião? – Indagou Schuwez, quando terminou de ajudar o companheiro.

– Sim. Tivemos sorte. Ninguém descobriu o avião. Está oculto num bosque, perto de Paris.

– Tenho medo de que o encontrem.

– Acho que não. Mark disse que está muito bem oculto entre as árvores. Que vamos fazer agora?

Alfred não respondeu. Permaneceu em silêncio durante algum tempo, em atitude meditativa, e quando se decidiu a falar foi para também fazer uma pergunta ao que dirigia:

– Olhou bem para este homem, Mark?

– Sim. É espantoso! Rodolfo me disse que era um caso extraordinário, mas pensei que ele exagerasse. Agora verifiquei que não – Mark prestava atenção a um cruzamento e logo continuou. – Vamos levá-lo conosco?

– Claro que sim. Foi para isso que o sequestramos. Lá, ele poderá nos ser de grande utilidade. Se for possível, sairemos amanhã à noite.

Nada mais disseram durante todo o trajeto.

Eram homens de pouca conversa o colapso militar de seus compatriotas contribuía para fazê-los desejar, ainda mais, o mutismo.

Os gestos dos três alemães eram duros e inexpressivos. Tinham os dentes cerrados, e seus olhos observavam com frieza e desprezo as demonstrações de alegria da cidade liberada.

Poder-se-ia apostar que em suas mentes fervilhava a mesma ideia: a Alemanha fora vencida no campo de batalha, mas eles continuavam a lutar denodadamente nas sombras em busca de uma nova arma que traria uma vitória esmagadora e definitiva quem primeiro a conseguisse, qualquer que fosse sua situação anterior.

Na manhã seguinte, o soldado Danny Webler não respondia à chamada do irascível sargento Evans.

CAPÍTULO II



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Danny abriu os olhos, mas logo os fechou ofuscado pela luz. Mas a inesperada e fugaz imagem venceu o mal estar e o moço tornou a abri-los lentamente, enquanto em seu rosto se desenhava uma expressão de infinito assombro.

Teve dificuldade em mantê-los abertos e, maqui tentou protegê-los com a mão da luz que o incomodava. Sem poder entender as razões, não conseguia seu propósito. Voltou, então, a fechá-los, tanto para fugir da claridade que o molestava, como para tentar coordenar as ideias.

A cabeça doía horrivelmente e Danny teve a impressão de que o esforço a que submetia seu cérebro fazia a dor aumentar, tornando-se quase insuportável. Apesar disso, foi surgindo uma luz entre as trevas que envolviam a mente e, aos poucos, foi recordando os últimos acontecimentos.

A entrada em Paris, seguida da alegria de saber-se entre os poucos que gozariam uma licença. Depois, sua andança pela cidade, bebendo além da conta e, finalmente, encontra com tal de Stainer que se oferecera para acompanhá-lo até o acampamento. Depois, um carro que não parecia um táxi e agora...

Tendo comprovado que se encontrava estendido num diva, tentou se erguer, ao mesmo, tempo em que experimentava, novamente, abrir os olhos. Foi então que percebeu que estava preso ao móvel por ligaduras e que sobre ele descia o braço regulável de uma lâmpada, cuja luz dava em cheio no rosto.

Naquele instante ouviu um estalido e a luz se apagou, ficando a peça iluminada só por uma lâmpada que pendia do teto. Danny pôde examinar melhor o que o cercava.

Estava numa espécie de salãozinho, próprio de, um hotel de luxo, e parecia ocupado por três homens, que o olhavam atentamente. Um deles era o tal de Stainer e os outros dois não lembrava tê-los visto.

– Acho que o normal em uma situação desta, é perguntar onde estou – murmurou Danny, com indiferença.

Um dos desconhecidos aproximou-se sorrindo do jovem. Fazia poucos minutos que entrara na sala e ficara a examinar o americano, à luz da forte lâmpada. Depois, assim como Schuwez e os outros, pronunciara algumas frases, assombrado pela extraordinária



Hotel de Espiões – Gary Belsan

semelhança do moço com determinada pessoa. Foi ele quem respondeu à irônica pergunta do prisioneiro:

– Suponho que deva ter alguma ideia do lugar onde se encontra.

– Nenhuma – respondeu, calmamente, o americano.

Danny não sentia medo, nem mesmo preocupação. Sua agitada vida na populosa Chicago habituara-o a enfrentar, sem temor, toda sorte de situações. O que sentia era somente uma enorme curiosidade em saber o papel que representava naquela estranha aventura.

– Lembra-se onde estava antes de perder os sentidos?

– Isso quer dizer que agora não estamos em Paris?

– Justamente. Você é inteligente.

– A dedução é muito simples. Sim, lembro-me de que estava em Paris quando você me deu um golpe na cabeça à traição.

As últimas palavras tinham sido dirigidas a Schuwez. Este esboçou um gesto ambíguo, mas guardou silêncio.

– Pois agora está bem longe de lá. E também da França.

– Escute aqui, se pretende que eu adivinhe para onde me trouxeram, estão perdendo seu tempo, porque não penso em fazer o menor esforço. Digam vocês, se puderem.

– Estamos em Estocolmo.

Danny não se preocupou em esconder sua surpresa. Cada vez parecia mais difícil descobrir o motivo por que o haviam sequestrado.

– Em Estocolmo? – exclamou espantado. – Não compreendo quais são suas intenções, mas previno-os de que não há no mundo ninguém que pague um centavo por meu resgate.

– Não se trata disso! – explicou o que tinha voz cantante, enquanto tirava uma fotografia do bolso. Depois, colocou-a diante dos olhos de Danny, acrescentando:

– Conhece esse homem?

– Está pensando que nunca me olhei em um espelho? O que não compreendo é quando puderam tirar essa fotografia. A não ser que eu tivesse recobrado os sentidos antes e não me lembre.

– Esse retrato não é seu – disse o outro lentamente.

– O quê? Quer que eu acredite que existe alguém, exatamente igual a mim?

– É a pura verdade.

– É que isso esteja relacionado com essa espécie de rapto?

– Exato.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Escute tudo isso é muito estranho. Podem acreditar que eu lhes ficaria infinitamente grato se me explicassem por que me trouxeram para cá.

– Era o que eu ia fazer. Mas primeiro, tem que saber que somos seus amigos.

– Pois é muito estranho, então, que me deixem desse jeito.

– Como compatriotas seus, sabíamos muito bem qual seria sua reação ao acordar. Se não estivesse bem atado, teria logo nos atacado a socos. E não queríamos falar com você depois de deixá-lo num estado lastimável. Foi por isso que o atamos. Agora vamos pô-lo em liberdade.

A um sinal, Schuwez libertou o prisioneiro das ligaduras que o prendiam ao divã. Danny levantou-se e começou a fazer exercícios para restabelecer a circulação de seus membros doloridos.

– Faz muito tempo que estou dormindo? – quis saber. – Porque estou com uma fome terrível.

– Quase doze horas. Já vai comer. Agora ouça com muita atenção. Sua semelhança física com certa pessoa pode fazer com que preste um serviço inestimável à nossa pátria. Imagino que já deva ter ouvido falar no FBI.

Danny disfarçou a surpresa com um gesto ambíguo. Claro que já ouvira falar no FBI! Mas limitou-se a dizer, tranquilamente:

– Sim, um pouco.

– Nós somos alguns de seus agentes e estamos aqui para tentar ganhar uma luta contra a Gestapo nazista. Eu me chamo Fred Harving; aqui é William Harper e este Stainer, que você Já conhece. Há outros, que irá conhecendo com o tempo.

Fred fez uma curta pausa. Falava com tanta naturalidade e aprumo que Danny nem pensou que poderia estar sendo enganado.

– Foi uma sorte que Jack o tivesse encontrado em Paris. Nossa ação em Estocolmo é de auxiliar nosso chefe, um pretenso agente de seguros dinamarquês. A Alemanha está perdida e luta desesperadamente pela posse de uma nova bomba, sendo que só uma delas bastaria para destruir uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

Danny deixou escapar um leve assobio de espanto. Seu interlocutor esboçou um sorriso e continuou:



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Você se parece extraordinariamente a nosso chefe e sua tarefa consistirá em fazer-se passar por ele, para que ele possa agir livremente em busca de certos laboratórios, que sabemos existir. Agora mal pode mover-se. Os espiões alemães descobriram-no e não consegue dar um passo, sem ser constantemente vigiado. Nós não podemos fazer nada, ou quase nada, sem ele. Nosso desconhecimento da matéria inutiliza qualquer ação.

Webler fez um gesto de assentimento, grave e repetido. Estava pensando na cara que fariam alguns conhecidos de Chicago, se vissem o FBI solicitando sua ajuda. Sentia-se, ao mesmo tempo, orgulhoso por poder prestar tal serviço e imbuído de forte sentimento de responsabilidade.

– Seu trabalho será bem simples. Deverá limitar-se a seguir, ao pé da letra, nossas instruções, sem nunca agir por conta própria e não fazer nada que não lhe tivermos indicado de antemão. Da rigorosa obediência dessas ordens depende o êxito de nosso trabalho e a vida de milhares e milhares de pessoas inocentes.

– Compreendi. Mas, agora, estou pensando é no sargento Evans. O sargento da minha companhia sabe? Com toda a certeza qualificou-me de desertor.

– Não se preocupe com isso. Quando esse trabalho acabar, você estará muito acima dele. Nada lhe acontecerá.

– Muito bem. E agora, o que é que eu devo fazer?

Em primeiro lugar, mudar de roupa. Pode escolher o terno que quiser entre os que vai encontrar em seu quarto. De agora em diante, passou a ser Hugo Vanderbilt. Convém que estude tudo quanto se relaciona com sua nova personalidade, nos papéis que encontrará neste envelope.

Harving tirara do bolso um envelope. Estendeu a Danny, assim que terminou de falar. Depois, entregou-lhe uma pistola.

– Tome isso. Poderá precisar. Imagino que deve saber utilizá-la. Webler exibiu um amplo sorriso.

– Acho que sim. Mas, isso se eu puder utilizá-la sem primeiro ter de consultá-lo.

– Não seja irônico. Nós não gostamos de sarcasmos. Reincidir nisso, poderia ser prejudicial. Queremos homens sérios, que trabalhem com esforço e rapidez.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Só desejo uma oportunidade para provar que não temo o perigo e nem espero que me aticem primeiro.

– Nossa proibição de agir por conta própria refere-se às ações premeditadas. Se surgir um caso difícil ou perigoso, pela possível intervenção de agentes inimigos, aja por sua própria iniciativa e atire para matar. Uma coisa, porém, nunca deve esquecer, ninguém deverá descobrir a dupla personalidade de Venderbill.

– Está bem.

– Junto com os dados relacionados com sua falsa identidade, estão as instruções para quarenta e oito horas, a partir de agora. Siga-as ao pé da letra. Se acontecer alguma coisa que lhe parecer importante, comunique pelo telefone que consta nos dados.

– Farei o que me ordenam. Acho que não estarei pior do que metido em meu “Fanny”, quero dizer meu tanque de guerra.

– Agora deve saber onde se encontra. Ocupa o quarto número 72 do Grande Hotel. Não se preocupe com as despesas. E, por último, seja discreto. Este prédio tem a aparência de um hotel, mas na verdade, é um verdadeiro centro mundial de espionagem. Daqui a meia hora vão lhe trazer a refeição. Até lá já deve estar vestido. Nada mais.

Pouco depois Danny Webler encontrava-se só. Permaneceu imóvel durante um bom tempo, perdido em seus pensamentos. Mas logo reagiu e se dispôs a seguir as instruções recebidas.

Ainda estava maravilhado com a aventura que vivia, acreditando, firmemente, que servia os interesses de sua pátria. Não podia imaginar que os três homens que acabavam de deixá-lo eram agentes, em Estocolmo, da Geheime Staats Polizei, mais conhecida por Gestapo.

* * *

Peter Mac Lean era um dos melhores amigos de Danny. Fizera com ele parte da campanha da África e toda a da Itália e França e estava convencido de que o conhecia muito bem, tanto física como moralmente.

E, no entanto, se tivesse visto aquele homem sentado em frente de uma moça de feições interessantes, no café de um bairro dos arredores de Estocolmo, teria jurado que era seu companheiro de armas. E incorrido em grave erro.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O afortunado companheiro da graciosa moça de olhos azuis não era, embora se assemelhasse de modo extraordinário, seu compatriota, mas Pratko Letjavich, chefe de um grupo de espiões alemães em Estocolmo.

Em tom muito baixo, o par mantinha uma animada conversa em alemão. Tinham escolhido um lugar afastado e a expressão de seus rostos evidenciava, claramente, que ela não era nada trivial nem insignificante.

– Você precisa compreender Pratko – dizia a moça, num tom de súplica e de temor. – Não posso suportar mais. Algum dia desses, Franz vai descobrir e... Temos que fugir daqui o quanto antes, hoje mesmo.

– Por favor, Dúnia, você sabe que é impossível. Já repeti isso mais de cem vezes! Não posso sair de Estocolmo, antes de terminar meus negócios. Isso é muito importante.

– Seus negócios – murmurou ela, com desprezo. – Para você não há nada mais importante do que seus negócios. Pensei que eu significasse tudo para você. Agora estou convencida de que sou uma parte muito insignificante.

– Não continue Dúnia. Parece que se alegra de me desgostar. Eu a amo, você sabe.

– Então, por que não vamos embora?

– Você só fala nisso... Fugir... Fugir... Para onde poderíamos ir? A Europa está em chamas, não há um só canto seguro aqui.

– Exagero seu Pratko. Na Europa ainda há algumas nações sensatas que souberam manterem-se neutras. Podíamos ir para a Espanha, Suíça, ou Portugal...

A fisionomia de Pratko ia mostrando, de forma crescente, um ar de ira e de tédio.

– É inútil insistir – disse num tom seco e categórico. – Não posso sair daqui.

Durante alguns segundos os olhos azuis de Dúnia fixaram-se doloridos nos do companheiro. De repente, a moça pareceu tomar uma resolução firme:

– Está bem – murmurou. – Irei sozinha.

– Dúnia! – Você não pode fazer isso! Tem que me esperar! É muito arriscado deixar Estocolmo agora!

– Tenho medo de Franz.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Tenho medo de Franz... Não sabe dizer outra coisa? Estou farto de ouvir sempre o mesmo!

– Você não sabe quem ele é, Pratko. Se nos visse juntos, mataria nos dois. E não quero morrer, não quero morrer de jeito nenhum! É por isso que vou embora, Franz; porque tenho medo dele.

– Dúnia, Dúnia – repetiu o espião, entre suplicante e ameaçador. – Não cometa essa loucura! Sabe que é impossível que eu vã com você. Eu...

– Não posso acreditar no que diz. Só sei que não pode ir porque está sempre repetindo o mesmo, e nada mais. Nem sequer sei os motivos exatos que o retêm aqui. Talvez eu ainda não mereça confiança, para dizer do que se trata. É até possível que eu pudesse compreendê-lo. Mas só sei que se trata de... Negócios.

– Dúnia, não me irrite. Só estou pedindo um pouco de paciência. Aconteceu hoje uma coisa que me faz pensar que poderemos ir para onde você quiser, antes mesmo do que eu esperava.

E quanto aos assuntos que me preocupam no momento oportuno você saberá do que se trata. Agora, vamos. Tenho um encontro às três horas, longe daqui.

Abandonaram o café e caminharam quase dez minutos em silêncio, até chegarem a uma parada de bonde. Aguardaram algum tempo. Ao lado deles não havia mais ninguém esperando a condução. Quando o bonde surgiu, Pratko falou para fazer uma advertência:

– Não pense em ir ao hotel. Ninguém deve vê-la comigo!

– Quando vamos nos encontrar?

– Não sei. Agora tenho muito trabalho. Telefonarei.

Quando o bonde se afastou, levando Dúnia, Pratko chamou um táxi e acomodou-se dentro dele; deu um endereço com voz apagada. Murmurou algo em voz baixa. Relacionava-se com a moça e não era nada agradável. Depois, sorriu um tanto irônico. A moça não desconfiava que nada significava para ele. Ela só interessava porque proporcionava relações com comandantes de navios mercantes, antigos amigos de seu finado pai, que, em caso de necessidade, poderiam ajudá-lo a fugir para um país distante. Dúnia seria o trampolim se a Alemanha perdesse definitivamente a guerra, que ele poderia utilizar para saltar da Europa para a América do Sul. Conseguido isso, a moça só seria um estorvo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

* * *

Cinco homens ocupavam o úmido quarto subterrâneo. Guardavam silêncio e toda sua ocupação parecia limitar-se a esperar alguém.

Três deles eram os mesmos que Danny encontrara ao recobrar os sentidos, no Grande Hotel. Von Spen o quarto, era um indivíduo de rosto longo e fino e de alta estatura, característica do noroeste da Alemanha, formava o último componente do quinteto.

Por fim, a porta abriu-se devagar e aquele que esperavam entrou, fechando-a depois de passar. Era Pratkan Letjavich.

Os outros se ergueram com certo respeito e trocaram breves frases de saudação. Em seguida o recém-chegado estreitou as mãos dos raptos de Danny.

– Bom trabalho – elogiou. – Acho que, com um pouco de sorte, essa ideia poderá ser de grande utilidade. O que aconteceu em Paris? Esperava que chegassem antes.

– Foi impossível. Vários dias antes da entrada de nossos inimigos na cidade, os parisienses tornaram a vida insuportável para a guarnição. Rodolfo e eu éramos vigiados de perto e, se tivéssemos tentado abandonar o hotel onde nos hospedávamos teríamos sido varados a balas. Só conseguimos fugir quando nossas tropas se retiraram e todo mundo foi para a rua. Fomos esconder-nos num bairro afastado e lá descobrimos esse Danny. Depois, conseguimos escapar no avião. Isso é tudo.

Uma pausa longa seguiu-se à concisa narração de Alfred. Todos esperavam que Pratkan voltasse a falar. Por fim, ele o fez numa voz pausada e fria:

– Camaradas, a Alemanha atravessa um momento grave. Nossos exércitos na França retrocedem quase continuamente e na frente leste os russos já estão em nossas fronteiras. Nosso governo procura ocultar do povo e das tropas a gravidade da situação, para ganhar tempo, mais só uma coisa pode salvar a Alemanha: a posse dessa nova bomba, que os cientistas do mundo inteiro estão buscando. Quem primeiro a conseguir, ganhará a guerra. E nós temos suspeitas bem fundadas de que os sábios suecos trabalham nisso, em alguma parte do país. Precisamos redobrar nossos esforços para localizá-los.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Pratko fez uma curta pausa. Todos o escutavam num silêncio atento. Prosseguiu, no mesmo tom:

— Agora tenho carta branca. Pagarei a peso de ouro as novas informações. Espero conseguir muito de um sujeito que um antigo amigo nosso vai me apresentar. Enquanto os inimigos vigiam meu sósia no Grande Hotel, eu não descansarei um só minuto. Nem vocês tampouco. A farsa pode ser descoberta por uma casualidade qualquer e temos que conseguir alguma coisa prática antes que isso aconteça.

— Eu lhe dei todas as instruções possíveis — assegurou Franz. — Acho que ninguém descobrirá a troca. Mas, quem pode saber isso melhor é você. Há alguma pessoa de quem não lhe falamos e que poderia aproximar-se dele?

Não. Mas podem surgir outros contratempos. Bem, temos que correr o risco e aproveitar o tempo. Os espiões da maior parte dos países do mundo estão em Estocolmo. Aquele Grande Hotel é um formigueiro de agentes secretos. E nós precisamos ganhar essa partida de todos eles.

Pratko falava, exaltando-se de vez em quando. Ao pronunciar as últimas palavras, chegou perto de uma mesa onde havia várias garrafas e copos e, enchendo seis deles, que foram recolhidos um após outro pelas mãos dos presentes, brindou, com um fervor patriótico na voz trêmula:

— Viva o Reich!

— "Heil Hitler!" — foi o brado uníssono de todas as gargantas.

E os seis homens esvaziaram os copos. A decisão de lutar animava, igualmente, todos aqueles rostos.

CAPÍTULO III

Comodamente instalado em uma das confortáveis poltronas do salão de leitura do Hotel, Danny examinou com curiosidade e indolência a pilha de revistas de todas as nacionalidades que estavam sobre uma mesinha. Escolheu uma inglesa e recostando-se na poltrona, folheou-a com displicência.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Ainda não fazia quarenta e oito horas que se encontrava em Estocolmo. Por isso Danny ainda se sentia perfeitamente à vontade dentro de sua nova personalidade. Mas seu temperamento impulsivo e a falta de liberdade não tardariam a fazer com que se aborrecesse. Mas, até aquele momento, a nova situação e o ambiente luxuoso no qual se movia pela primeira vez em sua vida seduziam o bastante para que se sentisse satisfeito.

Até então tudo corra bem. Sua falsa personalidade não lhe trouxera nenhum embaraço. A semelhança devia ser extraordinária. Com os dados fornecidos pelos compatriotas e com suas observações particulares, Danny tivera uma ideia bastante clara da posição do Grande Hotel.

No mesmo cenário onde o famosíssimo Henry Ford tentara inutilmente organizar uma conferência pela paz, na primeira guerra mundial, hospedara-se o rei Zogu. Quando os italianos o exortaram da Albânia, Hailé Selassié, quando era príncipe herdeiro e onde se amaram Greta Garbo e o músico Stokowsky agora fervilhava um enxame de espiões, diplomatas e agentes secretos, vigiando-se mútua e receosamente, ao amparo da inquebrantável neutralidade sueca.

Para vigiar as idas e vindas dos diplomatas ingleses e russos os alemães foram os primeiros a ocupar os melhores aposentos do Grande Hotel. Foram logo seguidos por agentes secretos da maioria dos países europeus, assim como por alguns de outros continentes e, naquele momento, nada menos de dezessete representantes de outras tantas nações a se hospedavam.

Danny largou a revista sobre a mesinha e passeou os olhos em volta, com ar distraído. Sentia uma vontade enorme de bocejar e espreguiçar-se, como se encontrasse em Chicago; mas, naturalmente, controlou-se.

Examinou as fisionomias de alguns dos presentes. Teve a impressão de que uma máscara de hipocrisia envolvia a todos. No amplo salão, muito movimentado àquela hora, tudo eram sorrisos e saudações cerimoniais. Na verdade todos se vigiavam atentamente. Aquela sala era como um posto avançado dos Ministérios e Estados-Maiores dos países beligerantes.

Danny apanhou um cigarro e levou-o aos lábios. Começava a sentir-se entediado. Solidão reserva, falar só o imprescindível fazia parte das instruções recebidas.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Acendeu um fósforo. De repente, parou absorto, com os olhos fixos na entrada. Uma mulher surgira na porta do hotel. De estatura normal, era esbelta e bem proporcionada. Os cabelos, negros e ondulados, emolduravam um rosto harmonioso, de expressão um tanto animada, que Danny qualificou, mentalmente, de angelical. Nele se destacavam dois perturbadores olhos azuis, que, na ocasião, percorriam a sala, como procurando localizar alguém.

O moço fez um movimento brusco e com uma careta largou precipitadamente o fósforo que lhe queimava o dedo.

Distraído um instante pelo incidente, tornou a olhar para a moça. Esta se movimentara e se dirigia em linha reta para ele. Danny olhou em volta, procurando descobrir, por algum gesto, o feliz mortal que aquela beldade buscava e surpreendeu-se a se ver relativamente isolado.

Ergueu-se, espantado e confuso. A moça estava em frente dele e começou a falar em voz baixa, levemente excitada, enquanto Danny perguntava-se que relações poderiam unir tão deliciosa criatura ao homem que ele substituíra.

– Desculpe Pratkan. Sei que não quer que eu venha aqui, mas aconteceu um fato muito grave. Temos que fugir. Há uma oportunidade magnífica, que não podemos desperdiçar. É...

Interrompeu-se para lançar um olhar receoso em volta.

– Seria melhor que fôssemos para o seu apartamento. Em todos os cantos tenho a impressão de ver espiões de Franz.

– Sim... Sim... Acho que... Que tem razão.

Danny estava inteiramente confuso. Aquela pausa poderia ajudá-lo a coordenar as ideias. Recordava-se perfeitamente de que, nos dados recebidos, não era mencionada nenhuma mulher. E, também, das palavras do tal Fred Harving: "Ninguém deve descobrir a dupla personalidade de Vanderbilt."

Tomaram o elevador. Dúnia vigiava seu companheiro. Percebia alguma coisa estranha nele, mas não podia desconfiar da verdade. Quando chegassem ao apartamento, faria uma cena violenta, pois não estava disposta a se submeter. Ou ele a acompanhava, ou terminariam para sempre. Esta era sua decisão irrevogável.

Embaixo, um homem jovem, com ar desajeitado, atravessou a rua e encerrou-se na cabina telefônica de um bar próximo. Introduziu



Hotel de Espiões – Gary Belsan

a ficha, discou um número e, jogando o chapéu para a nuca, esperou.

– Alô! Quem fala? Escute Jack, nosso amigo recebeu uma visita. Uma moça, dessas que deixam a gente tonto, compreende? O "Fritz" fingiu que não a reconhecia, mas a mim é que não engana. Acho que está indo para o apartamento dele. Bob vigia-os de perto. Diga o que devo fazer.

E guardou silêncio por alguns segundos. Do outro lado, alguém dava instruções concretas.

Danny meteu a chave na fechadura. O que deveria fazer com aquela moça, se ela descobrisse a troca? Depois de fazê-la passar para a sala, fechou a porta e seguiu-a. Lembrou-se das primeiras palavras dela e isso serviu para ele iniciar a conversa.

– Eu lhe recomendei que não viesse aqui – disse, com a secura que julgara necessária e empregando o mesmo tom familiar que ela usara.

Como seria o nome daquela preciosidade? Ela o chamara de Pratkan. Que sujeito infernal, aquele que devia substituir! Quantos nomes teria?

Danny não tinha nenhum dom de ator. Era difícil mostrar-se ríspido com a moça. Ela era tão bonita! Agora o olhava quase suplicante, com uma expressão tão encantadora, que ele teve que virar para o outro lado, para ocultar seus verdadeiros sentimentos.

– Pratkan, Pratkan, meu amor!

Danny ficou apatetado. Que sorte a daquele Hugo, ou Pratkan, ou fosse lá o que fosse! Então era esta a relação entre os dois? Mas isso só piorava sua situação. Assustou-se, pensando, de súbito, que poderiam ser casados. Ele era incapaz de cometer uma infâmia. Preferia, antes, confessar tudo.

Não pôde continuar remoendo o tumulto de ideias que o atormentavam. Elas foram varridas por outra sensação, tão agradável e inesperada.

Depois de pronunciar as últimas palavras, a moça parou indecisa, observando Danny, para logo refugiar-se, soluçando, em seus braços.

Depois de um minuto de luta entre os sentimentos que sufocavam o coração e as razões ditadas por seu cérebro, Danny separou-se



Hotel de Espiões – Gary Belsan

dela e, como não tinha nada de melhor para se valer no momento, repetiu seu estribilho:

– Não devia ter vindo aqui.

– Por favor, Pratkan! Mas, por quê?

Danny, naturalmente, nada sabia dizer. Por sorte, ela continuou:

– Você me esconde suas ocupações, proíbe que eu venha aqui, sem me dar a menor explicação...

Naquele instante a sombra de uma suspeita cruzou o cérebro da moça. Seu rosto empalideceu e seus lábios tremeram.

– A não ser que... Que esteja me enganando e receie que eu...

– Não! – negou Danny, com tanta firmeza que deixou a moça espantada. – Isso não, minha querida!

Não foi nada difícil pronunciar a última frase, porque estava sendo sincero. Estava apaixonado como um colegial por aquela moça. E como não podia conceber que alguém a enganasse, negou terminantemente. Mas, poderia ele saber se a acusação era verdadeira? Tomara que fosse! Nas relações com ela, teria o maior prazer em suplantar o tal de Pratkan ou Hugo!

– Então, não é verdade que você me ama. Não pode ser verdade. Eu lhe disse lá em baixo que aconteceu um fato muito grave e você só continua repetindo que eu não devia ter vindo aqui, sem nem se interessar pelos motivos que me levaram a desobedecer à proibição.

– Eu a amo... – Danny teria dado qualquer coisa para saber o nome da moça. – Sim, minha querida, eu a amo de todo o coração e você sabe bem disso. Posso até jurar.

Dúnia hesitou. Começava a achá-lo muito diferente do Pratkan que ela conhecia. Manifestou seu pensamento em voz alta:

– Você está muito mudado.

– Mudado? – repetiu Danny, perguntando-se como o animal do Hugo devia tratar a moça para que ela o achasse mudado. Depois, querendo desfazer o embaraço, continuou num tom mais seco: – Não sei por que diz isso. Bem, o que foi que aconteceu? Fale logo.

– Trata-se de Franz, como deve imaginar.

Danny não soube se devia sorrir ou dar um soco na mesa. Optou por um gesto ambíguo, como indicando que aquele sujeito não o assustava. Acertou, por pura casualidade.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Sim, eu sei que você pouco se importa com ele. Mas sabe que tenho muito medo. Conheço-o bem e sei que me matará se...

– Matá-la, você disse?

– É a primeira vez que você se altera ao ouvir isso. Sim, ele me matará já lhe disse muitas vezes. Ontem, quando nos separamos, um garoto aproximou-se de mim. Contou que um homem mandara que ele me seguisse e que contasse tudo o que eu fazia. Pelo que disse, todos os traços coincidiam com os de Franz. O garoto ainda contou que ele parecia um tipo repelente e que tinha preferido me avisar. Dei-lhe uma boa gratificação. Se fosse outro, Franz já saberia que nos encontramos. Está percebendo o perigo que eu estaria correndo? Franz irá se vingar, tenho certeza.

– O pior é se esse garoto fez alguma chantagem. Quero dizer que, se depois de lhe arrancar dinheiro, tenha ido contar tudo a Franz.

– Acho que não. Ele parecia sincero. Mas, se isso aconteceu...

Dúnia empalideceu outra vez. Danny olhou-a fixamente. Era evidente que ela tinha um medo atroz do tal de Franz. E também tinha certeza de que Hugo não correspondia ao amor da jovem, pelo menos não tanto quanto ela merecia. Isso estava provado pelas palavras dela, que dizia que ele não se incomodava por ela ser ameaçada de morte. Pratkan ou Hugo não gostava dela, ou, então, gostava muito pouco. Mas não tinha o direito de enganar ou de desprezar aquela rainha! Danny Webler tomaria conta do caso, embora tivesse que lutar contra o mundo inteiro.

Ela agora segurara seu braço. Bastou aquele leve contato para fazer seu corpo todo estremecer.

– Temos que fugir Pratkan! Amanhã mesmo, aproveitando a oportunidade que já falei. Trata-se de um navio espanhol, que parte amanhã para Vigo. Por favor, meu querido, não vá me dizer outra vez que seus negócios impedem que sejamos felizes. Logo que chegarmos à Espanha, podemos nos casar. Todos os estrangeiros são recebidos lá com muito carinho, não importa qual seja a nacionalidade. Eles são muito hospitaleiros.

Danny não conseguia vencer a tentação. Lutava, em vão, por dominar seus pensamentos e agir como melhor conviesse à missão que lhe haviam confiado. Enquanto falava, Dúnia foi se aproximando



Hotel de Espiões – Gary Belsan

dele com meiguice e ele não pôde mais lutar contra os ditames de seu coração.

Carinhosamente atraiu-a e beijou seus lábios com paixão. Ela estava feliz. Nunca Pratkan se mostrara assim. Mas, sendo mulher, acreditava que seus encantos tivessem conseguido abrandar o coração, sempre um tanto duro, do jovem alemão.

– Você nunca me beijou assim – murmurou carinhosamente.

– É verdade – respondeu Danny, muito seguro.

– Vamos fugir, mesmo, dessa maldita cidade?

– Claro, meu bem. Com você, eu iria até o fim do mundo.

– Nem sabe como me sinto feliz por ouvi-lo falar assim.

Separaram-se. Desencontrados pensamentos agitavam a mente de Danny. Sentia-se muito atraído por aquela moça e se pudesse atender só a seus desejos, teria confessado quem era e declarado seu amor. Mas não podia fazer isso. Estava ali cumprindo ordens, servindo à pátria, conforme acreditava. Além do mais, não tinha direito de enganar a moça e nem de trair Hugo, embora esse último pouco importasse. Não, não podia ser... Por enquanto.

Dúnia observava-o. Sua extraordinária intuição feminina revelou, de certo modo, o que se estava passando no íntimo do companheiro.

– É inútil que finja Pratkan – disse com tristeza. – Você não se decide.

– É por que... Eu tenho que resolver alguns assuntos.

– Eu sei. Mas, se ao menos você me explicasse do que se trata.

– É impossível, querida. Acredite em mim. Só o que posso dizer, é que estão ligados com nosso futuro.

Dúnia levantou-se. Em seu belo rosto estava refletida a decisão.

– Pela última vez escute o que digo Pratkan. Minha vida está dependendo de sair, imediatamente, de Estocolmo. Não posso continuar vivendo com esse pesadelo. Estou correndo um sério perigo e nosso futuro, como você diz, estará acabado, assim que Franz descobrir nossas relações. Vou embora. Estou completamente decidida. O nome do barco é "Santa Clara" e parte amanhã às doze horas. O comandante conheceu muito bem meu pai e nos levará. Acho que na Espanha você encontraria trabalho com muita facilidade. Isso é tudo, Pratkan.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Os belos olhos azuis da moça umedeceram. Danny, mais emocionado do que ela poderia suspeitar, não soube o que dizer. A voz de Dúnia tremia ligeiramente, ao acrescentar:

– Até amanhã... Ou até nunca mais. Depende só de você.

Danny quis falar ao ver que a moça se dispunha a sair, mas ela impôs-lhe silêncio com um gesto. Dera a conversa por terminada, resolutamente. Saiu apressada, sem voltar à cabeça. Ele a viu se afastar, ainda perturbado por tudo aquilo. Podia jurar que a moça saía chorando.

A porta fechou-se suavemente. Danny deu um suspiro de raiva e deixou-se cair numa poltrona. Tratou de refletir com mais calma. Havia uma verdade muito forte naquele encontro imprevisto.

Aquela moça, de quem nem sabia o nome, despertara sensações até então desconhecidas. Sentia um desejo violento de correr atrás dela e de nunca mais deixá-la. Mas...

Foi forçado a controlar-se. Portara-se honestamente ao corresponder, mesmo que só por um instante, a moça que o julgara outra pessoa? Não, por certo. Mas, não haviam ordenado que, de maneira alguma revelasse sua identidade?

Foi se acalmando, pouco a pouco. Acabou impondo o que julgava seu dever e indo ao telefone pediu ligação para um determinado número.

Em seu quartel general da Rua Helsingborg, a mão de Franz, aliás, de Fred Harving, naquele instante sozinho, apanhou o telefone.

– Alô.

– Aqui é Vanderbilt – disse Danny. – Quem é que fala?

– Harving. Alguma novidade?

– Sim. Aconteceu um imprevisto. Acaba de sair daqui uma moça, que me deixou numa situação muito embaraçosa.

– Uma moça?

– Sim. Acho que ela tem relações amorosas com aquele amigo nosso. Eu nada sabia sobre isso.

Prevenido, Danny media bem as palavras. Se a telefonista do hotel fosse curiosa não poderia ter notado nada de particular. A expressão de Franz, do outro lado, endureceu-se.

– Descreva-a.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Danny assim fez. Sem dúvida alguma, teria se interrompido se pudesse ver a enorme mudança que operara no rosto de seu ouvinte, conforme ele ia falando.

– Conhece-a? – perguntou ao terminar.

– Não. Mas, o que é que o leva a supor que ela mantenha relações amorosas com nosso amigo?

Pálido de ódio, Franz esperou ansioso pela resposta. Danny falou. Não podia imaginar que estivesse ditando a sentença de morte da moça de olhos azuis.

– Ela demonstrou claramente por suas palavras. Insistiu para que eu fugisse com ela. Tem um medo terrível de um tal de Franz. Acredito, sinceramente, que essa mulher está correndo um grave perigo.

– Oh, não se preocupe com ela! Cuidarei para que nada lhe aconteça.

– Conhece esse Franz?

– Não, mas esqueça do que aconteceu. Isso não tem importância. Continue exatamente como até agora. Vou desligar.

E Franz desligou para mergulhar em profunda meditação, com o olhar perdido ao longe e uma expressão que infundia terror. A penumbra do quarto subterrâneo que ocupava combinava bem com a negrura de seus pensamentos.

Permaneceu imóvel durante muito tempo. Depois, sorriu. O sorriso, leve a princípio, foi se acentuando. Um riso estranho escapou dos lábios. E seu corpo sacudiu-se todo, aos impulsos da progressiva hilaridade que o dominava. Cada vez mais duradouras, mais forte, mais sinistra, sucediam as gargalhadas. De repente, cessaram bruscamente. O eco, que retumbava no deserto corredor, tardou um pouco a extinguir-se. Depois, voltou o silêncio.

* * *

Um homem, com a gola da gabardina erguida e o chapéu puxado para os olhos, entrou decidido em uma casa perto da Rua Upsula e subiu a escada, com ar de familiaridade.

No segundo andar, respondeu delicado ao cumprimento de uma inquilina obesa, que descia com grande dificuldade e, no terceiro, observou de soslaio um homem que saía de uma das portas que davam para o corredor.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Seguiu em frente, mas antes de iniciar a subida do outro lance da escada, pareceu notar que um dos cordões de seus sapatos estava desatado. Apoiou o pé no primeiro degrau e fingiu amarrar o cordão.

O inquilino que atrapalhara começou a descer, sem olhá-lo sequer.

O outro, então, lançou um olhar furtivo em volta e ao ver-se completamente só, agiu com rapidez.

Aproximou-se de uma porta, apanhou uma gazua e começou a trabalhar na fechadura. Tinha o ouvido atento, disposto a fingir, inocentemente, em qual das portas devia bater, pretextando procurar alguém, mal surgisse o perigo de ser descoberto.

A fechadura, de modelo comum, não resistiu muito. Vencida a resistência, o intruso olhou para a esquerda e para a direita. Precipitou-se para dentro, ao se certificar de que o corredor estava vazio.

Sabia que Dúnia, a moradora do apartamento, não se encontrava ali no momento. Sua primeira preocupação foi tornar a fechar a porta. Depois acendeu a lanterna que tirara de um dos bolsos. Iluminando com ela, atravessou a pequena sala e entrou no quarto da moça. Seus movimentos revelavam não ser a primeira vez que entrava na casa.

O raio luminoso percorreu o quarto. O intruso sabia onde estavam os interruptores da luz, mas não queria se arriscar a que alguém o visse de fora.

Depois de percorrer parte da colcha que cobria a cama o facho luminoso parou sobre a mesinha de cabeceira. Ali se imobilizou por alguns segundos.

Da escuridão surgiu uma mão, que se apoderou de um frasco pequeno e achatado. Valendo-se da lanterna, o furtivo personagem examinou o conteúdo, através do vidro.

O frasco encerrava uma pequena quantidade de um líquido dourado. O homem que agora o tinha nas mãos sabia que, por prescrição médica, Dúnia tomava sempre duas colheres daquele remédio, antes de dormir.

Deixou de novo onde estava e desenvolveu a tampa. Apanhou um pequeno envelope amarelo e derramou todo o conteúdo no frasco.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O líquido tornou-se pardacento, mas logo foi clareando até voltar à cor normal. O homem que estivera observando a transformação emituiu um grunhido de satisfação e tapou o frasco.

Saiu do quarto. Ao atravessar a salinha, a luz da lanterna iluminou por breves instantes o aparelho telefônico. Um sorriso invisível desenhou-se no rosto do assassino. Talvez Dúnia, quando sentisse que estava morrendo, tentasse encontrá-lo, num pedido de socorro. Seria inútil. Ela não teria tempo suficiente para isso.

Das trevas brotou um risinho suave e sardônico, que se repetiu em seguida, durante algum tempo. Foi seguido por outro, mais sonoro e prolongado. Depois, sucederam gargalhadas, quase sem intervalo, provocando convulsões espasmódicas no visitante noturno, exatamente iguais às que, uma hora antes, haviam sacudido Franz Heinkel.

Encostou o ouvido à porta. Nada. Saiu com cuidado e desceu as escadas sem pressa. Chegou à rua e perdeu-se entre as sombras.

CAPÍTULO IV

Como de costume, Dúnia voltou tarde para casa. Desde que seu pai morrera, há dois anos, vira-se obrigada a trabalhar, de caixa de um luxuoso cabaré da Avenida Rainha Cristina.

Naquela noite não se deitou logo, como costumava fazer. Dedicou-se, a colocar em duas malas todas as roupas e objetos indispensáveis.

Por um momento deixou de pensar em Pratkan, especialmente no Pratkan daquela manhã, e recordou o ar espantado do proprietário do cabaré, quando comunicara sua decisão irrevogável de abandonar o emprego.

Quando os limitados espaços das malas obrigaram a dar o trabalho por concluído, fechou-as com alguma dificuldade e, sentando-se na beira da cama, junto à mesinha de cabeceira, permaneceu pensativa.

Estava resolvida a partir, mas a ideia de chegar sozinha a um país desconhecido não a seduzia muito. Ouvira falar na proverbial cortesia espanhola e, graças a um velho amigo de Hamburgo que



Hotel de Espiões – Gary Belsan

passara três anos em Madri, sabia um pouco de espanhol. Mas isso não bastava para afastar a preocupação que sentia, ao pensar que devia partir sem Pratkan.

Ele seria capaz de abandoná-la? O que seriam aqueles misteriosos “negócios” que pareciam retê-lo, com tanta força, em Estocolmo?

Deu um suspiro profundo. Iria embora. Naquela manhã, ao sair do Grande Hotel, duas vezes tivera a impressão de que um homem magro a seguia. Ao perdê-lo de vista, por um instante, chegou a pensar que suas suspeitas fossem infundadas, que era ela quem imaginava ver emissário de Franz em toda parte. Mas, de qualquer modo, sentia-se incapaz de suportar por mais tempo aquela vida de angústia.

Olhou distraída para a direita e seus olhos foram parar no frasco de remédio. Agarrou-o com certa negligência e examinou.

Restava pouco, mas era a dose suficiente. Lembrou-se de que não havia comprado outro para a viagem. Encolheu os ombros, num gesto de desinteresse. Não estava vendo resultados naquele tratamento. Decidiu que seria a última vez que tomaria aquele remédio.

Tapou o frasco e, largando a rolha sobre a mesinha de cabeceira, foi buscar um copo. Apanhando o vidro, começou a despejar nele todo o líquido. Seus gestos eram lentos, como os de alguém que repete uma rotina. Seus pensamentos estavam muito longe dali.

Quando o frasco estava vazio, pegou uma colherinha e o tilintar desta contra o vidro rompeu o silêncio completo que a envolvia.

Inconscientemente, com o olhar perdido, agitou depressa a colher, exagerando o tempo que normalmente devia empregar nisso. Examinava sua vida. De repente, notando que o líquido ameaçava derramar-se, tirou a colher de dentro e levou o copo aos lábios.

Naquele momento o telefone tocou estridentemente. Dúnia ergueu a cabeça. A campainha continuou espalhafatosa. A moça olhou para o copo e hesitou. Preparou-se para beber de um só gole, mas algo conteve seu impulso. Lembrou-se de que o médico recomendara para deitar-se, “imediatamente depois” de ingerido o remédio.

Largou o copo sobre a mesinha e dirigiu-se para o telefone.

— Alô!



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Senhorita Bryan? Aqui é Carlen. Espero que não esteja deitada.

– Não, não. Estava me preparando para deitar.

– Nem sabe o quanto isso me alegra. Ficaria muito sentido, se a tivesse incomodado. Mas estive pensando que...

– Desculpe interrompê-lo, senhor Carlen, mas se vai se referir à minha decisão de deixar o emprego, repito que ela é irrevogável.

– Mas, senhorita Bryan, não posso acreditar que tenha algum motivo de queixa. Além do mais, estou disposto a melhorar seu ordenado. Por favor, senhorita, não é fácil encontrar outra pessoa, de um momento para outro.

Dúnia escutava com paciência. Sabia que havia um meio de desembaraçar-se do senhor Carlen.

– Está bem, está bem – concordou, mostrando-se disposta a ceder. Prometo que vou refletir sobre isso. Amanhã eu comunicarei o que tiver decidido.

Desligou, voltando para o quarto. Antes de chegar ali, já se esquecera completamente de Carlen.

Em pé, de costas para a janela, apanhou outra vez o copo e levou-o aos lábios. Um som prolongado e desagradável, que feriu seus ouvidos, imobilizou-a.

O ruído soara às suas costas. Voltou-se alarmada e o que viu obrigou-a a dar um grito, ao mesmo tempo em que, involuntariamente, afrouxava os dedos, deixando o copo fatídico cair no chão.

Fora da janela, parecendo se manter no ar, distinguia-se a figura de um homem. Em seguida, um pequeno círculo desprende-se de um dos vidros e foi cair dentro do quarto, rompendo-se em minúsculos fragmentos. Pelo orifício introduziu-se um braço armado com uma pistola, apontando diretamente para Dúnia. Junto a este movimento a moça ouviu uma ordem autoritária, em voz baixa:

– Não faça nenhum movimento e nem grite. Poderá ser a última coisa que fará em sua vida!

Apavorada, Dúnia observou que o desconhecido usava livremente ambas as mãos, torcia o trinco e, aberta a janela, saltava àgilmente para dentro do quarto, sem deixar de observá-la com atenção.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

A moça então percebeu que ele tinha uma corda enrolada à cintura, que se perdia no alto, em direção ao terraço. Sem se refazer do susto que a dominava, pois acreditava firmemente que aquele homem pago por Franz, viera para matá-la, viu como ele se livrava da corda e, depois de três significativos puxões, abandonava-a.

– Quem é o senhor? O que quer de mim? – atreveu-se a perguntar, em voz trêmula.

– Acalme-se moça – recomendou o homem. – Não lhe faremos mal algum. Só queremos que faça uma ligação telefônica.

– Uma ligação?

– Sim, mas faça o favor de sentar na cama e esperar um momento, até que o helicóptero volte. O homem a quem deve obedecer virá nele.

Dúnia obedeceu maquinalmente, deixando-se cair sobre a cama. Permaneceu imóvel, com os olhos fixos na janela. Um desagradável pressentimento passava pela cabeça: o novo visitante podia ser Franz.

Passaram-se alguns minutos. Depois o profundo silêncio foi quebrado por leves batidas, causadas pelo choque do corpo de um homem contra a parede.

Em seguida apareceram as pernas de um indivíduo. Dúnia conteve a respiração. Logo se acalmou um pouco. O novo recém-chegado era tão desconhecido quanto o primeiro.

Com a maior rapidez, Jack Downie, chefe do grupo de agentes do FBI, destacado em Estocolmo, entrou no quarto e examinando o interior num rápido olhar, desembaraçou-se da corda, que desapareceu rapidamente pela janela e em seguida fechou-a, correndo as cortinas.

– Tudo bem? – perguntou ao primeiro.

– Acho que sim. Resta que não nos tenham visto de alguma das outras janelas.

Dúnia havia recobrado o domínio dos nervos. Na verdade, aqueles homens não tinham ar de assaltantes vulgares e criminosos. Mas ainda sentia um pouco de medo, misturado com estranheza e curiosidade. Aumentava sua crença de não estar diante de homens a trabalho de Franz e isso contribuiu para acalmá-la. Falou com altivez:



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Os senhores sabem o que estão fazendo? Isso vai custar muito caro. Além do mais, estão perdendo tempo. Não tenho nada de valor.

Jack aproximou-se da moça.

– Ouça com atenção, mocinha. Não somos assaltantes. Se o fôssemos, não iríamos ignorar que joias e dinheiro não costumam ser encontrados em casas como essa. Foi por outro motivo que nos vimos obrigados a apresentar-nos de uma maneira tão pouco correta diante da senhorita.

– Não sei, então, o que pretendem.

– Trata-se de Hugo.

– Hugo? Não sei a quem se referem.

– Está mentindo e com muita naturalidade. Sabemos que Hugo Vanderbilt é seu noivo.

Os belos olhos azuis de Dúnia arregalaram-se de assombro. Iam alternadamente, de um ao outro. Por um momento imaginou que estivessem loucos. Ergueu a cabeça, repetindo com certa veemência:

– Não conheço esse Hugo Vanderbilt. E garanto que isso vai lhes custar bem caro! Os senhores estão...

Interrompeu-se. O homem que falara olhou-a de forma ameaçadora. Voltou-se para o outro. Este não deixava de apontar a pistola. Viu que ele metia alguma coisa na boca. Em seguida, começou a mover as mandíbulas numa atitude filosófica, mas que deu a impressão de que sob aquele gesto, um tanto infantil, escondia-se um homem capaz de apertar friamente o gatilho, a uma ordem do companheiro. Estremeceu, transferindo a atenção para Jack, que começara a falar lentamente.

– Escute Dúnia, antes de mais nada não torne a erguer a voz, porque nós não pretendemos fazer-lhe nenhum mal e lamentaríamos muito se fôssemos obrigados a empregar a força...

Dúnia ficou pálida. Evidentemente aqueles homens acreditavam que ela procurava enganá-los. No fundo das palavras calmas havia uma clara ameaça. Era uma situação desconcertante e nada agradável. Tinha que convencê-los de que estava sendo sincera.

– Juro que...

– Cale-se! Hoje de manhã foi vê-lo no Grande Hotel. Um amigo nosso, que é muito curioso, viu como arrulhavam, por assim dizer, e ficou espiando vocês pelo buraco da fechadura.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Ah! O senhor está-se referindo a Pratkan? Os dois agentes americanos olharam-se.

– Suas palavras me fazem pensar que deve conhecê-lo por outro nome. Não sei se realmente ignora, mas no hotel ele está hospedado sob o nome de Hugo Vanderbilt.

– Eu não sabia – respondeu Dúnia, com voz magoadas. Começava a achar muito escusos os misteriosos “negócios” de Pratkan.

– Mas, os senhores não são da polícia, não é?

– Não. Não somos precisamente da polícia.

– Então, quem são vocês?

– Permita guardar segredo. Agora vamos para perto do telefone. Terá que chamar seu noivo.

– Para quê?

– Para dizer que venha para cá, imediatamente. Temos que fazer algumas perguntas.

Dúnia ergueu as sobrancelhas e olhou com receio para os homens.

– Isso eu não farei – declarou com firmeza.

– Engana-se. A não ser que tenha pouco apego à vida. Terá que escolher, morrer ou telefonar a Pratkan. Se fizer isso, nada acontecerá.

– E a ele?

– É possível que nada, também. Depende, exclusivamente, dele.

Dúnia hesitou. A ideia de morrer apavorava-a, mas recusava-se a enganar Pratkan, fazendo-o cair numa cilada. Olhou para o homem da pistola. Sentia os nervos crispados por vê-lo tão tranquilo, sem deixar de mascar o que tinha na boca. Viu que ele deixava de mover as mandíbulas para falar, avançando dois passos em direção a ela.

– Está duvidando, belezinha? – Voltou-se para o companheiro. – Por que não me deixa convencê-la, à minha maneira? Acredito que uns bons cascudos...

– Não. – respondeu o outro. – Nem você nem eu causaremos o menor dano à moça. Ela concordará com o que pedimos, sem precisarmos empregar a força.

Dúnia estremeceu. Aquele que parecia ser de hierarquia superior acrescentou, olhando-a fixamente:

– O que é que diz senhorita?

– Cale-se, por favor! – implorou Dúnia, julgando aquele homem capaz de cumprir suas ameaças. – Que é que eu devo dizer?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Que venha para cá, imediatamente. Diga que está com medo, que tem a impressão de que vão tentar matá-la essa noite. Bem, mostre-se muito angustiada e pouco explícita. Insista para que venha logo.

Dúnia passou para a salinha, seguida e vigiada pelos dois homens. Uma ideia salvadora, de difícil realização, acudiu-lhe ao cérebro. Tremeu, imperceptivelmente, receando que desconfiassem de seus propósitos.

Por ordem de seu patrão, Dúnia tinha sempre na mesa de trabalho uma lista de números de telefones, encabeçada por um do qual se recordava perfeitamente pela singularidade de suas características.

“O número era “161616” e ao lado figurava uma palavra: Polícia”.

Chegou junto à mesinha de telefone. Embora a peça estivesse iluminada pela claridade que vinha do quarto, permanecia numa meia luz que favorecia seus planos. Uma ordem de Jack ao companheiro deixou-a gelada.

– Ali está o interruptor. Acenda a luz. Assim ficará melhor. Vamos senhorita. Uma última advertência. Se nos denunciar ou, se de alguma maneira, deixar seu noivo de sobreaviso, se arrependera muito. Lembre-se, também, de que nada conseguiria. Ele viria para verificar por que havia cortado, de súbito, a ligação.

Fazendo um esforço para mostrar-se dona de seus nervos, Dúnia apanhou o telefone. Jack sentou-se atrás dela e, disfarçadamente, fingiu examinar um papel.

O dedo da moça começou a girar o disco, mas ao marcar o segundo número, uma mão de ferro apoderou-se de seu pulso, enquanto ela se via obrigada a largar o aparelho.

– Já está prevenida de que é inútil tentar enganar-nos e que é muito perigoso querer brincar conosco. Quem ia chamar? Talvez a polícia, não é? Deixe, eu farei a ligação. E lembre-se de que minha paciência já se esgotou.

Jack ligou para o Grande Hotel e pediu o apartamento número setenta e dois. Pouco depois, Danny atendia. Jack passou o aparelho a Dúnia, tapando-o com a mão, enquanto murmurava:

– Fale.

– Pratkan?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Sim – respondeu Danny, julgando reconhecer a voz.

– Aqui é Dúnia. Venha imediatamente.

– Mas, o que foi que aconteceu?

Com o rosto encostado ao da moça, Jack ouvia perfeitamente as palavras de Danny. Olhou para ela e ordenou que continuasse, com um gesto mudo e imperioso.

– Estou com um medo horrível, Pratkan. Acho que alguém me seguiu. Esta noite vão tentar me matar. Você tem que vir logo.

– Está bem, acalme-se. Estarei com você daqui a pouco. Onde está?

– No meu apartamento.

– No seu apartamento? Ah, sim... No seu apartamento, claro. Estou tão nervoso que... É estranho, mas não consigo me lembrar de onde é que mora.

– Será possível?

– É verdade.

– Na Rua Upsula, vinte e seis, segundo andar, A.

– Perfeitamente. Enquanto você falava, eu me lembrei. Procure acalmar-se e...

A um sinal de Jack, seu companheiro fez menção de lançar-se sobre a moça com um ar ameaçador e ela deu um grito espantoso.

Depois, Danny ouviu que desligavam o aparelho com brutalidade.

Ficou parado algum tempo, como petrificado. O pavoroso grito de Dúnia gelou seu sangue nas veias. Mas conseguiu reagir e vestindo-se com a maior rapidez – o telefone tirou-o da cama – espantou a camareira que, no corredor cochilava sentada num banco, ao sair do quarto como um possesso e dirigir-se para a escada, cujos degraus desceu de três em três, com iminente risco de cair e se machucar.

Por sorte, conseguiu chegar são e salvo ao vestíbulo, e daí para a rua. Não lhe ocorreu pedir auxílio, nem se lembrou que desobedecia às ordens dos "superiores". Estava dominado por uma única ideia, correr ao endereço que Dúnia lhe dera e verificar o que havia acontecido.

Olhou em volta. A rua estava quase deserta. De repente, viu um táxi. Correu ao seu encontro, de braço erguido e antes que este



Hotel de Espiões – Gary Belsan

chegasse a parar, precipitou-se para dentro, dando o endereço ao motorista.

Na porta do hotel, um moço que observara calmamente os movimentos febris de Danny, com um ar irônico viu o carro afastar-se. Era Bob Harold e ali estava para controlar o suposto espião alemão. Mas não fez o menor gesto de segui-lo. Sabia para onde ele se dirigia e o que o aguardava.

CAPÍTULO V

As pessoas que ocupavam a pequena sala do apartamento de Dúnia guardavam um pesado silêncio, apenas perturbado pelo ruído das mandíbulas de Henry, o eterno mascarador de goma.

Depois do grito de Dúnia, os dois homens permaneceram em expectativa, receando que este tivesse sido ouvido por alguém. Mas nada aconteceu e Jack, então, ordenou à moça, ainda não refeita do susto, que ficasse sentada, para que eles se encarregassem do que viria depois.

Ela compreendera que só fora ameaçada para dar o grito que assustaria Pratko, obrigando-o a correr em seu auxílio, sem perder um instante.

Os minutos iam passando. As diversas sensações que experimentara desde a chegada dos dois homens, iam-se sucedendo agora um profundo mal-estar e uma grande preocupação pelo próximo desenrolar dos acontecimentos.

Temia pela sorte de Pratko e a ideia de ter sido, de certa maneira, a causa de sua desgraça, mergulhava-a num estado de vivo desespero.

Olhava para os dois homens, com olhos que revelavam o que lhe passava no íntimo. Exasperava sua frieza e, especialmente, o contínuo movimento dos queixos de Henry, que não deixava de apontar a arma.

De súbito, o silêncio foi quebrado pelo ruído de passos precipitados na escada. Os dois homens ergueram-se. Jack



Hotel de Espiões – Gary Belsan

empunhou uma pistola e seu companheiro cessou de mover as mandíbulas, grudando o ouvido à porta.

– Não vem só! – informou em voz baixa, ligeiramente excitada.

– Quantos vocês imaginam que sejam?

– Dois, sem dúvida.

– Apague a luz e abra a porta sem fazer ruído! Encarregue-se do primeiro!

Enquanto seu companheiro cumpria as ordens, Jack aproximou-se de Dúnia e agarrando-a pelos pulsos, obrigou-a a segui-lo.

Depois, sem que sua prisioneira percebesse, segurou a pistola pelo cano. Estavam ao lado da porta, grudados à parede. Do outro lado, na mesma posição de seu chefe, colocara-se Henry, igualmente segurando a arma pelo cano. Queriam agir rápida e eficientemente, sem ruído, e, se possível, sem derramamento de sangue.

Esperaram prontos para entrar em ação, de nervos tensos... Um raio de luz muito fino filtrava-se pela fresta, ligeiramente entreaberta.

No corredor soaram os passos dos que chegavam. Eram dois efetivamente. O vigia noturno do quartirão acompanhava Danny. Num rápido exame, este localizou a porta que ostentava a letra "A" e dispunha-se a bater chamando a moça, quando percebeu que ela cedia ao contato de sua mão.

– Dúnia!... Está aberta!... Dúnia!

E precipitou-se para dentro, seguido pelo vigia, que sustentava uma lanterna na mão esquerda.

Em seguida aconteceram coisas estranhas. Mas, pelo menos a princípio, estas não saíram como desejavam os agentes americanos. Danny penetrara tão impetuosamente no apartamento, que o golpe de Henry falhou e foi bater no ombro e não na cabeça, como o atacante pretendia.

Danny recebeu o golpe, cambaleou, mas imediatamente reagiu e, voltando-se, desferiu um violento soco no rosto de Henry, que o jogou por terra.

O vigia noturno teve menos sorte. O acaso fizera com que tocasse o inimigo mais perigoso. Mal havia transposto a porta, viu a fulminante ameaça e, no mesmo instante, submergiu nas trevas.

Caiu sem sentidos, enquanto Jack e Danny enfrentavam-se ameaçadores. Cada qual tentando vencer logo o adversário precipitou-se um sobre o outro.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Jack, ainda esgrimindo a arma pelo cano, queria acabar depressa, sem muito barulho. Pela luz que vinha do corredor, Danny percebeu a ameaça e segurando com as duas mãos o punho de seu novo inimigo, girou o corpo rapidamente, fazendo-o dar uma volta sobre sua cabeça e cair violentamente.

Proferindo algo ininteligível e cuspidando, junto com o ensanguentado chiclete, um dente que perdera com o soco, Henry ergueu-se, buscando com olhos enfurecidos o tal de Hugo que parecia um tipo perigoso, a julgar pelos primeiros golpes que recebera dele.

Dúnia, atarantada, não encontrou nada melhor a fazer do que torcer a chave da luz. Fez isso no instante em que Jack voava pelos ares, lançado por Danny. Este a viu e seu rosto resplandeceu de felicidade:

– Dúnia – exclamou, esquecendo-se momentaneamente de tudo o mais. – Está bem?

– Cuidado!

Danny estendeu o braço para conter Henry que vinha em sua direção, mas não pôde evitar ser arrastado na investida. Caíram os dois, atacando-se com fúria. Henry procurava acabar logo com aquele barulho, que não favorecia seus planos. Mas as tentativas de atingir o escorregadio inimigo em algum ponto vital fracassavam uma após outra.

Se tivesse tratado de uma luta mortal, Henry, rápida e silenciosamente, teria acabado com a resistência do adversário. Mas a ordem era capturá-lo vivo.

Enquanto isso, Jack começava a erguer-se.

Para um homem qualquer, o terrível baque teria provocado à ruptura de um osso, ou mesmo a morte. Mas não para Jack Downie. Conhecedor de todos os truques do "jiu-jítsu" havia sido surpreendido pela rapidez, agilidade e força de Danny. Mas conseguira cair de maneira que seu corpo não recebesse todo o impacto da queda num só ponto, mas em toda a sua extensão. Assim, o golpe fora amortecido, transformando numa leve escoriação algo que poderia ter sido mortal.

Correu em auxílio do companheiro em boa hora, porque Henry, esgotado, estava recebendo uma chuva de golpes que começavam a atordoá-lo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Jack descarregou uma terrível coronhada na cabeça de Danny, que estremeceu, deixando de atacar Henry, mas sem cair. Ansioso por terminar de uma vez, Downie segurou o adversário pela gola e ergueu-o, enfrentando com disposição de desferir um soco no queixo que o deixasse quieto por algum tempo.

Enquanto isso, Henry erguia-se, vomitando insultos. Jack estendeu o braço para trás e lançou-o com força. Quase instintivamente, Danny vislumbrou a ameaça e erguendo o braço, recebeu nele o golpe, tornando-o inofensivo. Depois, levantou o pé direito com força, atingindo Jack nas costelas.

Downie encolheu-se com um gemido de dor, enquanto seu adversário aproveitava para desferir um soco no estômago, que Jack não pôde receber de pé. Ajoelhou-se com o rosto crispado de ódio e dor, no mesmo instante em que Henry dispunha-se a atacar Danny por trás.

Mas Henry esquecera inteiramente de Dúnia. A moça, percebendo seus propósitos, dirigiu-se para ele de dentes cerrados, empurrou-o com tanta violência que, apanhado de surpresa, caiu de novo no chão.

Ajoelhado e dolorido como estava, Jack viu que vinha em sua direção uma nova e terrível ameaça na forma do pé de Danny, que se aproximava de seu rosto.

Desesperado, num supremo esforço, afastou as mãos do ventre e estendendo-as, segurou a perna do inimigo, torcendo-a com fúria.

Inutilmente Danny pretendeu manter o equilíbrio e quando um novo personagem apareceu espantado na porta, foi ao chão, com estrondo. E, no entanto, teve a presença de espírito de fazer seu corpo cair sobre o do inimigo, arrastando-o na queda.

Imediatamente começou a atacá-lo com fúria e logo teria vencido a resistência de Downie, se não houvesse a rápida intervenção do recém-chegado.

Antes que Dúnia, preocupada com Henry, tivesse notado sua presença, o novo agente empunhou um revólver pelo cano e precipitando-se para dentro do apartamento, golpeou o crânio de Danny, de maneira que ele só ficasse privado dos sentidos e não da vida.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O resistente moço deixou de brandir os punhos, caindo pesadamente sobre o corpo de Jack, que se apressou a se livrar dele contundido e sangrando.

— Raios! — exclamou, olhando para o homem caído. — Esse animal era duro! — E voltando-se para o companheiro que o tirara das dificuldades: — E você... Pensei que nunca mais ia chegar!

— Temos que ir embora! Houve muito barulho e alguém pode chamar a polícia!

— Sim, não há tempo a perder. Carregue-o nos ombros. E você, Henry, ate as mãos da moça e ponha-lhe uma mordaça. Ela pode querer fazer escândalo.

Os dois agentes dispuseram-se, rapidamente, a obedecer. Antes que a amordaçassem, Dúnia perguntou angustiada, se haviam matado Pratkan.

— Não, menina — respondeu-lhe Henry. — Precisamos dele vivo.

Jack lançou um olhar receoso para o vigia noturno e, saltando por cima de seu corpo, chegou ao corredor, limpando o rosto com um lenço. Recuperara o revólver e o empunhava, para intimidar os que tentassem impedir a passagem.

Naquele corredor não havia ninguém, mas do andar inferior vinham vozes. Evidentemente os inquilinos do apartamento abaixo do de Dúnia haviam ouvido o barulho e davam o alarme.

Naquele momento abriu a porta do apartamento ao lado e um homem, de pijama, deu um grito de espanto e medo ao ver Jack.

— Fique aí dentro e não torne a sair, se não quiser morrer!

Enquanto o homem se apressava a obedecer, Jack voltou-se para os companheiros:

— Vamos! — disse, vendo-os prontos.

Correram na direção dos que subiam as escadas. Eram quatro ou cinco pessoas, de pijamas ou "robes", que pararam ao ver o grupo.

Jack, com ar ameaçador, o rosto sangrando e o revólver na mão direita, impunha grande respeito, quase pavor. Douglas, o terceiro agente, carregando Danny sem grande esforço, seguia-o e Henry fechava a marcha, arrastando Dúnia.

— Ponham as mãos na cabeça! — berrou Downie, expressando-se em sueco, com a mesma facilidade com que falaria em sua língua natal. — O primeiro que se meter na frente, arrebenho os miolos!



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O grupo de inquilinos dividiu-se para não atrapalhar a marcha dos fugitivos. Estes passaram no meio deles, lançando um olhar sinistro. Jack retardou-se para cobrir a retirada.

– Depressa!

Chegaram logo à saída. A porta da rua permanecia aberta, como pouco antes a haviam deixado Danny e o vigia noturno.

Dez metros adiante, um carro os esperava. Um jovem, que ocupava o lugar do motorista, desceu apressado.

– O que aconteceu?

– Temos que levá-los. Vamos para seu posto! Depressa, talvez sejamos seguidos!

Os quatro agentes precipitaram-se para dentro do carro, arrastando junto Dúnia e Danny inerte. O carro partiu de modo brusco e perdeu-se na penumbra das ruas desertas.

CAPÍTULO VI

O telefone tocou e um empregado do cabaré atendeu. Eram quase seis horas da tarde do dia seguinte.

– Alô.

A voz que lhe respondeu, perguntava pela senhorita Bryan.

– Ainda não chegou. Sim, sim, já devia estar aqui... Não há de quê.

O empregado desligou. Se tivesse demorado mais um pouco, talvez tivesse chegado a seus ouvidos o início de um risinho suave, mas sinistro. Mas isso só teria durado um instante porque, do outro lado, Franz logo desligou.

Desta vez, no entanto, não continuou rindo, pois não estava só. Schuwez, que o acompanhava, olhou-o com curiosidade.

– Do que está rindo? – quis saber.

– De nada.

E depois da resposta, Franz ficou pensativo. Estava procurando um meio de desembaraçar-se do companheiro. Queria estar só, quando Pratkano chegasse. Consultou o relógio. O chefe chegaria dentro de vinte minutos.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O chefe! Sorriu, interiormente, com profundo desprezo. Sempre o detestara e passara a odiá-lo, desde o instante em que desconfiou que ele lhe tivesse roubado o amor de Dúnia.

Havia passado as últimas horas arquitetando um plano para desembaraçar-se dele, sem que tivesse que temer a terrível organização a que ambos pertenciam. Com este objetivo, conseguira evitar que os outros estivessem ali, enviando-os, em sua qualidade de imediato chefe, para lugares diferentes. Mas Schuwez havia regressado uma hora antes do previsto. Tinha que afastá-lo outra vez.

Encontrando o que buscava, fingiu lembrar-se repentinamente e falou para o companheiro.

— Ah, Schuwez! — exclamou. — Esqueci um assunto muito importante. Você devia resolvê-lo antes de vir para cá. Tem que ir ao Grande Hotel e falar com Hugo. Pergunte se teve mais notícias da moça que foi vê-lo ontem de manhã. E repita as instruções que demos, para que não se afaste do hotel. Nada mais. Aja com todas as precauções.

Alfred esboçou um gesto que era, ao mesmo tempo, de consentimento e despedida e saiu.

Imóvel em seu lugar, Franz deixou os minutos escoarem. Agora estava só, como desejava. Dentro de pouco, Pratko chegaria. Entraria ali como sempre olhando e falando com aquele ar de superioridade. Mas isso seria por pouco tempo. Pratko desapareceria e, provavelmente, ele seria nomeado chefe do grupo.

Fora soaram passos um tanto precipitados. Instintivamente, Franz apalpou o bolso interior do paletó. A porta abriu-se bruscamente e Pratko entrou com o semblante um tanto alterado. Fechou ainda mais a cara, ao ver Franz sozinho.

— Está só? — perguntou, com estranheza e contrariedade.

— Sim. Os rapazes não vão demorar. Estão ocupados.

— O que é que estão fazendo?

— Eu explicarei depois. Há alguma novidade?

— Acho que sim. Parece que um cientista sueco conseguiu encontrar o elemento que pode retardar a velocidade dos nêutrons.

Um brilho de triunfo animou, fugazmente, a fisionomia de Franz. Agora que conseguiam seu objetivo em Estocolmo, a glória seria dele! Expressando sua alegria em voz alta, pediu informações mais amplas ao companheiro.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Pratko sentou-se em frente a Franz, a mesa entre eles. Mostrava-se satisfeito e menos rígido do que de costume.

– Hoje tive mais sorte – explicou. – Um de nossos informantes comunicou que um cientista sueco realiza certas experiências num velho castelo de Visby, na ilha de Gotland, no Báltico. Isto já seria bastante, mas ainda há mais. Nosso amigo não entende uma palavra desse assunto, mas mesmo assim, a julgar pelas referências, eu podia apostar a vida que se trata de investigações relacionadas com a busca desse elemento retardador. Temos que partir para Gotland, o quanto antes. Onde estão os outros?

– Vão demorar ainda, Pratko.

O tom de Franz era seco e enigmático. Os olhares dos dois cruzaram-se. Uma suspeita passou pela mente do recém-chegado e sua mão direita iniciou uma lenta e certa trajetória.

Mas Franz vigiava atentamente e agindo com incrível rapidez, antecipou à sua pretensão de empunhar a arma.

– Quietos, Pratko! Estou visando e ficaria contente se desobedecesse, porque o que mais desejo é matá-lo! Rápido! Muito bem. Assim está muito melhor. Agora, continuemos a conversa, mas passando deste assunto para outro, que só interessa a nós dois.

– Não compreendo Franz. Estou espantado com sua atitude.

– O que está fazendo, é provar que é um péssimo ator. Agora mesmo, está preocupado, imaginando que eu descobri sua traição. E está no caminho certo, Pratko.

Este fez um gesto de rebeldia e Franz estendeu o braço, ameaçando:

– Não se mova! Juro que, na próxima tentativa, puxo o gatilho!

Pratko ficou imóvel e Franz prosseguiu, com ironia:

– Se você não tivesse compreendido minha atitude, não teria motivos para tentar apanhar o revólver. Mas sabe que me traiu e por isso está assustado. Agora vou explicar tudo. Temos tempo de sobra. Eu assim o dispus, para que ninguém nos incomodasse, compreende?

– Escute Franz...

– Faz muito tempo que não vê Dúnia?

Franz franziu a testa, furioso. Não compreendia por que Pratko desandara a rir, escandalosamente, ao ouvir o que ele dizia.

Mas não deixou de notar que o riso não era franco e sim um tanto forçado. Ficou em guarda. Seus olhos cravaram-se ainda mais



Hotel de Espiões – Gary Belsan

duros em seu interlocutor. Achava um tanto curioso vê-lo contorcer-se, de mãos apoiadas na mesa.

– Acho que faz mal em rir assim – afirmou friamente.

– Ouça Franz e, antes de tudo, lembre de que somos companheiros, em missão especial.

Franz ergueu a mão esquerda com um gesto de desprezo, significando que, naquele instante, relegava aquela circunstância a um segundo plano.

– Eu já disse, antes, que íamos tratar de uma questão pessoal.

– Eu ri porque, se trata de Dúnia, você pode ficar com ela.

Franz tornou-se lívido e a mão que sustentava o revólver tremeu ligeiramente.

– O que quer dizer? – resmungou.

– Quero dizer que essa moça não me interessa, se devo tê-la contra sua vontade. Não desejo que você e eu nos tomemos inimigos por causa dela. Se fingi estar apaixonado foi por que... Francamente, estou vendo a situação um pouco complicada para nosso país e ela, por causa da profissão de seu finado pai, conhece muitos comandantes de navios mercantes, entre eles espanhóis e portugueses, ou de outras nações neutras, entendeu?

– Sim, perfeitamente – afirmou Franz, num tom que logo fez aumentar a preocupação de Pratko. Este engoliu em seco para acrescentar, tentando aparentar calma:

– Mas, repito que, de hoje em diante Dúnia não existe mais para mim. Não sabia que você se interessava tanto por ela.

Pela cabeça de Pratko passavam planos de terrível vingança, mas, de momento, estava à mercê do rival e todo seu interesse se concentrava em procurar, de algum modo, dominar a situação. Depois...

– Vamos, Franz, guarde este revólver, pois não somos inimigos. Já disse que pode namorar essa moça, sem que eu...

– É tarde demais.

Franz falava de dentes tão cerrados, que as sílabas apenas sibilavam. Pratko agitou-se inquieto. Receava que em um acesso de fúria, ele puxasse o gatilho. Como teria descoberto suas relações com Dúnia? Tentou acalmar os nervos e murmurou:

– Por quê?

– Dúnia morreu.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Apesar da proibição, Pratko posse em pé num salto, mais surpreendido do que penalizado ou indignado.

– Morreu? – exclamou.

– Sente-se Pratko! Se não o fizer já, vai apressar sua morte. Coloque as mãos como antes!

O outro obedeceu lentamente. Pensou que Franz mentira e disse em voz alta.

– Isso não passa de uma farsa!

– Não. Se quiser, telefone para o cabaré. Sabe que á essa hora ela devia estar lá.

– Foi você quem a assassinou!

– Vamos, meu amigo, acalme-se. Não gosto dessa palavra. Eu diria que cumpri a primeira parte da promessa.

Pratko começou a sentir-se dominado pelo terror. Havia nas palavras e atitudes de Franz uma clara ameaça de morte.

– A culpa não foi minha, mas de vocês – prosseguiu imperturbável. – Preveni Dúnia que me vingaria terrivelmente se descobrisse que ela me deixava por outro homem. E não só dela, mas também do homem, fosse quem fosse.

– Mas, Franz, você não pode...

– Mentiu ao dizer que não conhecia minhas relações com Dúnia e tenho certeza de que ela falou das minhas ameaças. Mas, você, claro, desprezou-as. E vê que fez muito mal.

Pratko tornara-se pálido. Não via possibilidade de escapar da vingança do rival e essa ideia apavorava-o. Franz olhava fixamente, regozijando-se com sua angústia. De súbito, iniciou uma risadinha suave, apenas perceptível que, pouco a pouco, foi aumentando em espasmos sucessivos até transformar-se em longas e sonoras gargalhadas, próprias de um demente, Pratko contemplava apavorado.

– Agora quem ri sou eu, está vendo? Já ouvi dizer que quem ri por último ri melhor. Claro que você deve estar curioso para saber por que estou rindo. Tenho meus motivos e você já vai conhecê-los.

Franz fez uma pausa. Seu coração envelhecido regozijava-se com o pavor refletido na fisionomia do companheiro.

– Naturalmente quer saber como descobri que você é quem me roubara o amor de Dúnia. É muito simples. Imagine que Dúnia foi ao Grande Hotel e deixou nosso amigo americano numa grande



Hotel de Espiões – Gary Belsan

confusão. Reconheça que teve muita graça. O homem saiu-se como pôde da trapalhada e, depois, apressou-se em me contar o que acontecera.

Pratko mordeu os lábios, até fazer o sangue brotar. Longe de sentir pena daquela que julgava morta, recordou com raiva de Dúnia, de quem nunca gostara e que o levava àquela situação embaraçosa, por causa de sua leviandade.

– E não era só disso que eu ria. Também achei muita graça que você, querendo conquistar minhas simpatias, me tenha confessado o motivo de suas relações com Dúnia, à mulher que eu amava. Só conseguiu avivar mais ainda o ódio que eu já tinha.

Franz parou de falar e sua expressão ficou ainda mais dura. Pratko observava-o, em pânico.

– Finalmente, Pratko Letjavich, vou matá-lo!

– Não, Franz, você não pode fazer isso!

– Que asneira! Basta que eu aperte o gatilho uma... Duas... Ou as vezes que for preciso. Como vê, é muito fácil. E é o que eu tenho de fazer. É a segunda parte da promessa e sempre me vangloriei de cumprir minha palavra.

– Não sabe o que faz! Nossos chefes me vingarão! E o resto dos homens também!

– Pratko, você sempre foi vítima de um grave defeito, julgar os outros como seus inferiores. E isso costuma ser muito prejudicial. Desde que fiquei sabendo, ontem, de sua traição, planejei cuidadosamente, a maneira de me livrar de você, sem temer a vingança da Gestapo. Por isso decidi que você, Pratko, tentou vender um segredo a um misterioso agente estrangeiro.

– O que é que está dizendo?

– Isso mesmo que ouviu. Você tentou trair a Alemanha. Eu o desmascarei e fiz justiça por minhas mãos.

– Pensa que em Berlim eles são tão imbecis? Não acreditarão nessa história.

– Você se esquece de Hans. Ele o detesta quase tanto como eu. E disso, ninguém mais do que você tem a culpa. Sempre o tratou aos pontapés. Ele vai colaborar comigo e atestará tudo quanto eu disser. Já falei com ele.

Os nervos de Pratko estavam a ponto de estourar. Seu algoz sabia e não afastava os olhos dele.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Além disso, para completar minha boa estrela, você me traz notícias novas e esperançosas. Entendeu? O triunfo e as glórias serão, agora, só meus.

– Franz, ouça, por favor – Pratko buscava desesperadamente uma tábua de salvação onde se agarrar. – Pense bem no que pretende fazer comigo.

– É minha vingança.

– Nós estamos aqui cumprindo uma missão, a serviço de nossa pátria, servindo fins mais elevados do que uma inimizade pessoal entre rivais...

– Não perca tempo com patriotadas. Sinto ter que dizer, mas estou resolvido a matá-lo.

– Além disso, nem você nem nenhum dos outros entendem de Investigações científicas. Não saberiam se...

Pratko interrompeu-se. Franz começara a rir como antes e essas gargalhadas estranhas lhe gelavam o sangue nas veias.

– Nisso está muito enganado – afirmou quando conseguiu dominar o ataque de riso. – Desde que chegamos a Estocolmo, Hans e eu estamos estudando, secretamente, é claro seus trabalhos. Agora sabemos tanto quanto você. Pode morrer tranquilo.

E, de novo, foi assaltado por uma hilaridade demoníaca. Pratko, trêmulo e nervoso, com o rosto coberto por um suor frio, estava à beira de um ataque de nervos. Os dedos estendidos de suas mãos escolhiam-se sobre a madeira da mesa, como se fosse impossível desprenderem dela, imobilizados pelo terror.

– Você está louco! – gritou. – Está louco!

– Louco? Talvez você tenha razão. Mas se assim for, tanto pior para você. Deve sentir-se mal, pensando que está nas mãos de um louco.

De súbito, Pratko ergueu-se derrubando a mesa num impulso incontrolável de terror. Era o momento que Franz esperava. Friamente afastou-se para um lado, desviando-se do móvel e seu dedo apertou duas vezes o gatilho.

As duas balas alojaram-se, uma atrás da outra, no peito de Pratko e o espião, que iniciara o gesto de puxar o revólver, ficou um instante imóvel e depois caiu sem vida, ficando de bruços no chão.

Imperturbável, Franz contemplou a face de sua vítima, já coberta com a máscara trágica da morte.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Tampouco se perturbou com um ruído de passos que lhe chegou bem claro. Quando cessou, ergueu a cabeça, olhando para a porta. Ali se recortava a figura magra e alta de Hans, cujos olhos se cravaram com alegria e desprezo no corpo de Pratkan.

Depois, aproximou-se de Franz e sorriu com um ar de cumplicidade.

— Tudo pronto?

Cumprindo ordens de Franz, vigiara atentamente fora, escondido, para impedir que, depois da entrada de Pratkan, um dos outros chegasse ao momento menos oportuno.

— Eu gostaria que você tivesse estado aqui — disse o assassino, cinicamente. — Não era o Pratkan soberbo e altivo que todos nós conhecíamos. Vamos, ajude-me a levá-lo para o outro quarto. Já sabe, só tem que falar quando eu fizer declarações sobre o traidor Pratkan Letjavich — e acentuou as três últimas palavras, rematando-as com uma gargalhada que foi acompanhada por outra de seu cúmplice. — Ficaremos aqui só o tempo necessário para esta explicação. Depois, deixaremos Estocolmo.

— Vamos embora?

— Sim. Pratkan fez uma descoberta interessante e teve a gentileza de comunicá-la a mim, antes de imaginar o que o esperava. Partiremos esta mesma noite.

— Para onde?

— Para a ilha de Gotland.

Henry tirou do bolso um chiclete e desembrulhando cuidadosamente, como se tratasse de uma joia de grande valor, meteu-o na boca e começou a mastigar; olhando filosoficamente para os companheiros. Deixou de mover as mandíbulas para falar melhor:

— Pensem o que quiserem, mas eu afirmo que essa moça nada tem a ver com o caso das investigações atômicas, nem nada relativo a esse assunto.

— O que aconteceu — opinou Bob — é que você ficou impressionado pela moça e nada mais. Mas eu não me fio nem um pouco em suas lágrimas e lamentações. Não vai negar que ela mantinha relações íntimas com nosso amigo Hugo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Sim, já sei, mas ela desconhece as atividades do noivo. Tenho certeza. Eu não...

– Um momento – interrompeu Jack. – O prisioneiro está acordando e talvez ele nos ajude a explicar essa dúvida.

Tanto Jack como seus dois companheiros voltaram-se para um canto do aposento. Ali, jogado num sofá e de pés e mãos atados às costas, encontrava-se Danny.

Na verdade ele começara a recobrar os sentidos. Desorientado, procurou erguer-se um pouco, com esforço, e quando percebeu que estava amarrado, deixou-se cair mal humorado.

– Hum! – murmurou. – Outra vez?

Os três agentes do FBI levantaram-se e se aproximaram do prisioneiro. Tinham ouvido sua exclamação e não conseguiam compreender o que significava. Jack notou, com certo espanto, que era estranho que um alemão, ao recobrar os sentidos, falasse num inglês correto.

Chegando junto a Danny, não pôde reprimir sua curiosidade:

– Escute aqui, nós gostaríamos de saber por que diz isso.

Danny voltou-se para o trio e encarou-os com firmeza.

– Imagine que é porque me deu vontade – resmungou. Depois, mudando de tom e tornando-se mais comunicativo, acrescentou. – Pois saibam que é a segunda vez, em pouco tempo que, depois de me atacarem com força, acordo num lugar desconhecido, atado dos pés e mãos. O que ocorreria dizer, num caso desses?

Jack encolheu os ombros e, buscando uma cadeira, montou nela, segurando o espaldar.

– O que eu dissesse na mesma situação, não vem ao caso. Agora vou fazer algumas perguntas e espero que tenha o bom senso de responder. Em primeiro lugar, deve saber que nós não ignoramos que sob o disfarce de agente de seguros ocultam-se outras atividades bem diferentes.

Danny sentia-se aturdido. Era de supor que se encontrasse diante de agentes da Gestapo, mas aqueles homens pareciam tão alemães quanto o próprio Tio Sam. Lembrou-se repentinamente de Dúnia e assustou-se.

– Oh! – exclamou. – Agora me lembro de que me atacaram no apartamento daquela moça. O que aconteceu com ela? O que querem dela e de mim?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Dela, nada. Só a utilizamos para apanhá-lo. Depois, achamos mais conveniente trazê-la junto, mas não se preocupe não lhe faremos o menor mal.

Jack fez uma pausa. Já estava inteiramente convencido de que aquele homem não era alemão. Podia ser um inglês ou mesmo um americano traidor, ou ainda de qualquer outra nacionalidade, servindo à Gestapo. Continuou:

– Mas você não tem a mesma sorte. Vai se ver muito mal se não confessar logo tudo o que você e seus companheiros de Estocolmo descobriram sobre as pesquisas atômicas.

Danny estava boquiaberto. Em lugar de responder, olhou atônito para os três homens. Naquele instante, reparou no que Henry fazia e uma exclamação de assombro brotou-lhe da garganta, pois ver um alemão mastigando chiclete era algo realmente insólito.

– Não pode imaginar o quanto suas palavras me espantam – afirmou. – Vocês não são agentes alemães?

Os três homens olharam-se, sem saber o que dizer. Rapidamente puseram-se em guarda, levando, ao mesmo tempo, as mãos aos bolsos onde traziam as armas. Mas não chegaram a empunhá-las. Danny havia feito um movimento suspeito, mas tinha sido só com o intuito de sentar-se na borda do sofá, enquanto exclamava satisfeito e cheio de convicção:

– Vocês são americanos!

– Escute aqui – reagiu Jack desconfiado. – Gostaríamos de saber por que...

– Eu sou tão americano quanto você!

– Basta! Não sei o que pretende, mas fique sabendo que nós o estamos vigiando desde que...

– Espere um pouco. Eu não sou quem imaginam. Agora vou contar o que me aconteceu. Juro que estou dizendo a verdade. Depois, se duvidarem, estou disposto a dar todas as provas que quiserem, mas agora ouçam. Sabem que Paris foi libertada há três dias. Pois bem, eu fazia parte das forças que entraram na capital francesa e...

Num tom firme e cheio de sinceridade, Danny relatou tudo que havia sucedido desde que entrara num bar francês, até chegar, acompanhado do vigia noturno, ao apartamento de Dúnia.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

— Esta é a pura verdade — terminou, num tom solene. — E, pelo bem da pátria, vocês têm de acreditar! O que é que me dizem?

Danny esperou ansioso pela resposta. Sentia-se invadido por uma onda de simpatia e admiração por aqueles valentes que, no anonimato, lutavam sem descanso pela pátria. Quase gritou de alegria quanto sentiu que Jack lhe batia, amistosamente, no ombro.

— Acredito em você — disse cordialmente. — Ou melhor, nós acreditamos, não é rapazes?

— Claro que sim! — confirmou Henry, com entusiasmo. — Eu já estava estranhando que um "Fritz" atacasse com tanta força. Saiba que não tenho raiva pelos dois dentes que me arrancou.

Todos riram. Danny sentia-se feliz, invadido por um desejo ardente de fazer alguma coisa por seus novos amigos e por seu país. Pela primeira vez, lamentava a vida passada.

— Bem, querem me desatar, se é verdade que confiam em mim?

— É mesmo! Desculpe-nos.

Jack tornara-se sério e pensativo. Quando se viu livre, Danny aproximou-se dele.

— Agora vejo que fui utilizado como um boneco — murmurou com raiva. — Se soubessem como desejo me vingar deles!

— Brincaram conosco, como se fôssemos uns principiantes — resmungou Jack. — Enquanto o vigiávamos, o verdadeiro espião agia livremente.

— Mas isso foi só durante três dias — objetou Henry.

— Três dias que devem ter sido muito bem aproveitados.

— Diabos, que semelhança fabulosa! Tiveram muita sorte quando o encontraram em Paris!

— Sorte? — murmurou Danny, rangendo os dentes. — Ainda não podemos saber. Ainda não perdemos a partida!

— Por que não? A pista foi perdida. Enquanto tratarmos de localizá-los novamente, já terão feito descobertas decisivas.

— Você está esquecendo uma coisa. É que eles ignoram esta aventura. Não creio que tenham percebido minha ausência do hotel e nós podemos tirar partido dessa circunstância.

— É verdade! — reconheceu Jack. — Pode aproveitar a primeira oportunidade que surgir para localizá-los.

— E saberei aproveitá-la, não tenham dúvidas. Como lhes disse, a única referência que tenho deles, é um número de telefone. Direi



Hotel de Espiões – Gary Belsan

que preciso falar com algum deles, pessoalmente. Inventarei qualquer pretexto aceitável. Depois, poderemos segui-lo.

– Magnífico homem! – aplaudiu Jack. – Ficaremos perto de você.

– Você possui dotes magníficos de planejador – elogiou-o Henry. – O que era antes de se alistar?

Danny ficou levemente embaraçado, espantado com o que acontecia. Sentia vergonha da vida passada.

– Oh, nada de importante! Um simples entregador de leite. Claro que minhas aspirações eram muito maiores.

Ficaram conversando mais algum tempo, delineando os planos de ação. Depois, Danny tornou a falar na prisioneira.

– Não perguntei o que pretendem fazer com Dúnia. Não sei que relação mantinha com meu sócia, mas parece uma moça decente.

– Acreditamos que ela não saiba nada sobre as atividades de seu noivo.

Danny exalou um suspiro fundo, cômico, antes de dizer:

– É a única compensação de ser parecido com esse alemão. Ela é maravilhosa! Não riam, mas... Acho que me apaixonei por ela, mesmo sabendo que não é de mim que ela gosta. Acho que não é preciso que lhe causem o menor dano.

– Claro que não. Tivemos que trazê-la porque não havia outra solução, mas não se precipite. Na primeira oportunidade vamos deixá-la livre. Se quiser falar com ela...

– Não. – decidiu Danny, após uma ligeira hesitação. – Acho que eu iria me apaixonar ainda mais e isso seria o pior para mim. É um crime, enganar essa moça. Prefiro ir embora.

– Você é um excelente rapaz, Danny – assegurou Henry, dando-lhe uma pancadinha nas costas.

– Acha? – Danny Webler sentiu-se verdadeiramente emocionado.

CAPÍTULO VII

O estratégico centro de intrigas em que se havia convertido o Grande Hotel de Estocolmo atingira seu apogeu. A estrela do Eixo



Hotel de Espiões – Gary Belsan

começava a entrar em declínio e, embora isto fosse evidente para muitos, havia outros que confiavam cegamente num derradeiro, porém definitivo e terrível golpe.

A "espionagem oficial" aumentava e quando Londres, Berlim, Moscou, Washington ou Tóquio necessitassem certificar-se da exatidão de um determinado assunto de política internacional, chamavam os hóspedes do Grande Hotel, que era na realidade uma cabeça de ponte de Downing Street, Kojimachi Ku ou da Wilhelmstras, e eles confirmavam ou desmentiam a notícia.

Agora, mais do que nunca, o hábil mister Wallinder, gerente do hotel, tinha que empregar toda a sua habilidade e conhecimento de pessoas, para evitar encontros e desavenças entre os hóspedes. Com a Europa em chamas e vizinhos tão perigosos nas fronteiras, a Suécia mantinha firme sua neutralidade. E para isto mister Wallinder havia contribuído bastante. Eficientemente secundado pela polícia do hotel, a mais inteligente do país, conseguira fazer abortar uma perigosa conspiração internacional que pretendia arrastar a nação ao conflito assassinando importantes personalidades lá hospedadas.

Quando Danny voltou ao hotel, logo percebeu que ali havia acontecido alguma coisa de anormal durante sua ausência. Com muita habilidade e discrição fez algumas perguntas, conseguindo descobrir que um membro da Embaixada da Finlândia tinha sido assassinado durante a madrugada, sem que até o momento tivessem conseguido qualquer pista do criminoso.

Sem se preocupar muito, Danny dirigiu-se ao seu apartamento, disposto a se comunicar com seus raptos. Mas, mal agarrara o aparelho, começaram a bater, insistentemente, na porta.

Foi abrir e deparou com dois homens que entraram com toda a calma, lançando olhares desconfiados.

– Querem explicar o que desejam?

– Desculpe, pertencemos à polícia do hotel e queríamos fazer algumas perguntas.

– Relacionadas com o crime misterioso? Espero que não desconfiem de mim.

– O senhor acabou de chegar, não é?

– Sim.

– Como sabe, então, que foi cometido um assassinato no hotel?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Fiz algumas perguntas, porque ao chegar notei que tinha havido algo de anormal.

– A quem fez perguntas?

– A um empregado que conheço de vista e ao ascensorista.

– Quando saiu do hotel?

– Ontem de noite, mais ou menos à uma hora.

– E não voltou, até agora?

– Não.

– Teria algum inconveniente em nos explicar onde esteve até agora, especialmente às três da madrugada?

Perplexo, Danny ficou calado. Sentia que sua atitude seria mal interpretada, mas não sabia como responder à pergunta. Dizer a verdade era perigoso, pois, certamente, iria comprometer seus companheiros. Tentou fugir da pergunta.

– Desde quando um súdito dinamarquês deve prestar contas de todos os seus atos?

– Desde que se apresente como suspeito de um assassinato.

– Mas isso é ridículo! Protestarei por meio de minha Embaixada!

Os dois agentes trocaram um olhar, como se consultando sobre a decisão que deviam tomar.

– Senhor Vanderbilt, terá que responder a esta pergunta. Voltaremos aqui, logo que o inspetor chegar. Por ora, pedimos que se abstenha de deixar os aposentos.

– Quer dizer que estou detido?

– Só até o momento em que explicar ao inspetor o que fez esta madrugada. Depois poderá ir para onde quiser. Nós não duvidamos de sua inocência, mas temos que cumprir nosso dever. Até logo.

Os policiais retiraram-se e Danny ficou refletindo sobre a nova complicação surgida. Não podia usar o telefone, nem para falar com Jack nem com os da Gestapo, porque não havia dúvida de que sua conversa seria controlada pela polícia.

Ainda bem que os agentes, com receio de alguma complicação política, tivessem adiado o interrogatório até a chegada do inspetor, mas este podia parecer de um momento para o outro e ele estaria num beco sem saída.

Pouco depois, algumas batidas na porta arrancaram-no de suas meditações. Estremeceu julgando que o inspetor já estaria ali, mas



Hotel de Espiões – Gary Belsan

logo raciocinou que as batidas tinham sido baixas e discretas, muito diferentes das anteriores.

Quando abriu a porta, quase deu um grito de surpresa. O recém-chegado era Alfred Schuwez, a quem ele conhecera em Paris sob o nome de Stainer.

– Stainer! – exclamou, com uma alegria que não era fingida. – Não o esperava! Entre, entre e sente-se.

Enquanto o recém-chegado obedecia, Danny foi discretamente ao corredor e olhou em todas as direções. Aparentemente, ao menos, estava deserto. Fechou a porta e aproximou-se do alemão.

– Quais são as novidades? – perguntou. – Estou começando a me aborrecer.

– Pois deve continuar fazendo o mesmo – e como visse que Danny fazia uma careta de fastio, acrescentou: – Não sei do que se queixa. Com gosto eu trocaria meu lugar com o seu. Leva uma vida de príncipe sem riscos nem preocupações.

– Sim, mas esta vida me aborrece. Sempre preferi a ação à inatividade. Além disso, estou como prisioneiro nesse hotel, sem poder entrar nem sair livremente.

– Você está prestando um grande serviço a nosso país. Um serviço muito maior do que pode imaginar.

– Isso me consola.

– Harving quer saber se você teve mais notícias daquela moça que veio visitá-lo ontem.

– Não, não a vi mais.

Sem deixar que o estado de ânimo transparecesse em seu semblante, Danny não dava repouso ao cérebro. Dentro de pouco o alemão iria embora e com ele desapareceria a única oportunidade que tinha de descobrir o lugar onde se reunia o grupo de espiões. O pior era que, certamente, os policiais não o deixariam sair do hotel para segui-lo.

Alfred não tardou a erguer-se disposto a sair.

– Vou embora. Já sabe meu amigo, se você se limitar a continuar como até aqui, tudo estará arranjado.

Danny não procurou retê-lo mais. Poderia despertar suspeitas e com isso não iria conseguir nada. Decidira-se a segui-lo, de qualquer forma.



Hotel de Espiões - Gary Belsan

Despediu-se do alemão com a maior naturalidade, mostrando somente um pouco de aborrecido com a inatividade. Alfred deixou-o sem a menor suspeita de que o americano estivesse ciente da farsa, e começou a descer a escada.

Deixando passar alguns segundos, Danny abriu a porta cautelosamente e saiu para o corredor. Uma camareira e um "boy" passaram por ele, mas não havia ali o menor sinal dos policiais.

Quase inteiramente convicto que o observavam de algum lugar, chegou à escada e espiou pelo oco do elevador. Alfred já estava chegando ao andar térreo. Seguiu-o sem vacilar. Se algum de seus amigos estivesse por ali esperava que pudesse falar-lhe, antes que os policiais lhe interceptassem a passagem!

Conseguiu chegar ao "hall" e depois a rua, atrás de Alfred, sem o menor contratempo. Tinha certeza, agora, de que os agentes da polícia deixavam-no sair, esperando que ele os levasse a seus cúmplices.

Alfred tomara um táxi e ele apressou-se a fazer o mesmo, ordenando ao motorista que o seguisse. Olhou pela janelinha traseira, quando o carro se pôs em movimento. Um dos veículos estacionados diante do hotel estava sendo ocupado, apressadamente, por vários homens. E logo arrancou atrás dos dois táxis.

Não era uma perseguição o que a polícia do hotel iniciava; apenas limitava-se a seguir Hugo. O que este e aqueles ignoravam era que, instantes depois, um novo carro unia-se à caravana. Nele viajavam atentos, Henry e Bob, dois dos homens do FBI, destacados na capital sueca.

Quando o táxi de Alfred parou na Rua Helsing-borg, Danny ordenou que seu motorista fizesse o mesmo e de dentro vigiou os movimentos do falso Stainer, olhando a intervalos para trás, com receio de ver, de um momento para o outro, surgir o carro da polícia.

Schuwez pagou a corrida e atravessou a rua, dirigindo-se para a entrada de um edifício de três andares, de paredes acinzentadas e aspecto sombrio. Danny saltou e atirando uma nota ao motorista correu, sem esperar o troco, atrás do homem que perseguia.

Quase lhe pisava os calcanhares. Se Schuwez tivesse tido a ideia de voltar à cabeça, teria tido uma grande surpresa ao reconhecê-lo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Mas o alemão caminhava tranquilo e atravessou o portal com a maior calma.

Antes de imitá-lo, Danny olhou para trás. O carro aonde vinha os policiais estava parando a poucos metros do lugar onde deixara o táxi. Apressou o passo e entrou no edifício. Não quis perder tempo em pensar no que provavelmente aconteceria lá dentro.

Alfred descera uma escada de pedra e logo desaparecera por uma porta situada no fim. Danny seguiu, empunhando a pistola dentro do bolso do paletó.

A porta, por onde Alfred desaparecera, estava entreaberta. Danny empurrou-a e encontrou-se num corredor, varrido por uma corrente de ar úmido. Era longo e adiante caminhava, despreocupado, o espião alemão.

Danny atravessou a porta e olhou para trás. Ouvia passos precipitados na rua. Os policiais se prestavam a entrar na casa. Sem saber se com isso seria beneficiado ou prejudicado, fechou suavemente a porta, correndo um forte ferrolho.

Embora tivesse agido com todo o cuidado, não pôde evitar que este, enferrujado talvez pelo pouco uso, rangesse com algum estrépito.

Não esperou para verificar se os policiais haviam ouvido o ruído e como visse Alfred entrando numa peça, situada no fundo do corredor, na parede da esquerda, lançou-se atrás dele, procurando pisar o mais silenciosamente que podia.

Quando chegou diante da porta colou nela o ouvido. Percebeu um murmúrio de conversas, sem poder entender o que diziam. Reparou, então, que a porta do quarto contíguo estava aberta e, sem mais pensar, entrou ali, movendo-se cautelosamente.

Mal acabara de fazer isso, as vozes aclararam-se e entendeu algumas palavras soltas. Orientou sem perda de tempo. A peça estava iluminada, embora fracamente, pela claridade que penetrava por uma claraboia aberta no teto. Uma porta, apenas encostada, comunicava com o quarto ocupado pelos que falavam e Danny, aproximando-se dela, pôde entender o que Franz dizia naquele momento.

— Já sabem de tudo. Hans é testemunha de que Pratkan tentou me matar para evitar que eu o delatasse. Agora, e até que recebamos



Hotel de Espiões – Gary Belsan

novas instruções, quem manda no grupo sou eu. De acordo? Bem. Temos que sair logo de Estocolmo.

Vamos para a ilha de Gotland. Ali se encontra em investigações secretas um cientista sueco que parece ter encontrado o elemento retardador, tão desejado. Bem, vocês não me entendem, mas se trata de algo que pode decidir o curso da guerra. Temos de conseguir...

Um tiro, seguido de outros dois, interrompeu o homem que falava. A polícia do Grande Hotel abria caminho, arrombando a bala o pequeno obstáculo posto por Danny. Este permaneceu imóvel, em expectativa.

Pelo ruído que percebeu, deduziu que na outra peça alguém se precipitara para a porta do corredor. Assim era, com efeito. Alfred correrá para lá, retrocedendo logo, alarmado.

– São vários homens! – exclamou. – Deve ser a polícia!

– Estúpido! Você foi seguido e se os esperarmos ficaremos metidos numa grande trapalhada! Feche a porta! Acompanhem-me todos!

Danny retrocedeu instintivamente, pronto para se defender. Pensara que o grupo se dirigiria para lá. Mas isso não aconteceu. Ouviu passos precipitados pelo corredor. Desprezando o quarto onde Danny se encontrava, os policiais chegaram à porta onde haviam visto um homem.

– Abram para a polícia! Abram já!

Danny empurrou a porta e assomou a cabeça com precaução. A peça, pouco antes ocupada pelos espiões, estava vazia. Deviam ter escapado por uma saída secreta. Mas ele não podia cair nas mãos dos policiais, que revistariam todas as peças e, se isto acontecesse, não havia quem pudesse evitar uma boa temporada na prisão, até que tudo se esclarecesse. Mas o pior era não poder comunicar a seus companheiros os propósitos dos inimigos.

Repetindo seu procedimento anterior, os agentes arrebentaram a fechadura à bala e precipitaram-se para dentro. Danny retirou-se apressado de seu posto de observação, descobrindo, uma segunda porta em frente à primeira.

No mesmo momento ouviu vozes no corredor, como se alguns policiais se dispusessem a entrar naquele quarto.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Danny atravessou a peça em dois saltos e empurrando a porta, que fechou o mais suavemente que pôde, encontrou-se em outro aposento, mergulhado em profunda escuridão.

Ao apoiar na porta, suas costas roçaram com a chave, que estava pendurada. Danny girou-a cuidadosamente e logo a guardou.

Esperando que, de um momento para outro, tentassem segui-lo tirou uma lanterna do bolso e com sua luz percorreu toda a peça. Deu um suspiro de desânimo, pois, num simples olhar, pôde verificar que não havia uma única saída nas paredes. Estava encerrado numa ratoeira.

Ergueu o feixe de luz para o teto e então sentiu renascerem as esperanças. Mas, imediatamente, afastou esta ideia. No recinto, relativamente amplo e de paredes muito baixas, havia um pequeno desvão que poderia servir de esconderijo. Mas, como era de esperar, os agentes realizassem um exame minucioso, logo o descobririam.

Baixou a luz e teve, então, uma grande surpresa. No chão, a seu lado, havia um homem. Concentrou o foco no rosto e quase deu um grito de espanto.

Era como se estivesse vendo sua própria face, coberta pela terrível expressão da morte. No mesmo instante compreendeu que estava diante de seu sócia e, assaltado por uma ideia, abaixou-se para o corpo, verificando que o homem morrera há pouco tempo, pois ainda conservava calor.

Com uma pressa febril, começou a retirar o paletó. Naquele instante alguém empurrou a porta, logo descarregando o revólver contra ela, a julgar pelo ruído seco que ouviu.

Danny hesitou. Não tinha tempo para fazer a troca das roupas, mas, se não fizesse isto, provavelmente os agentes iriam reparar nesse detalhe e não o tomariam pelo morto, como ele queria.

Por sorte, alguma coisa que aconteceu no outro cômodo veio em seu auxílio. Danny ignorou o que fosse, pois mesmo ouvindo as vozes não podia compreender o que diziam. Mas os que se preparavam para derrubar a porta afastaram-se.

Sabendo que, mais cedo ou mais tarde, os policiais voltariam à carga, dispôs-se a realizar seu plano. Depois de haver trocado de roupas com o morto, ergueu-se com força nos pulsos, saltando para o desvão.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

O espaço era muito reduzido, mal cabendo um homem. Danny iluminou-o com a lanterna. Ali não havia outra coisa além de verdadeiras cortinas de teias de aranha.

Acomodou-se como pôde na incômoda posição e esperou. Confiava que a descoberta do cadáver fosse atrair toda a atenção dos agentes da polícia.

Mas um dos policiais havia descoberto, casualmente, a saída secreta utilizada por Franz e seus companheiros e foram seus gritos que desviaram a atenção dos colegas.

Entretanto essa descoberta de nada serviu. Convenceram de que ali poderia chegar às galerias de esgotos do prédio e que o fugitivo ou fugitivos já haviam saído ou estavam a ponto de sair por uma de suas bocas.

Nem podiam pensar em segui-los. Franz, que não devia estar muito certo de que não fossem encontrar a portinha dissimulada na parede, preparara tudo de modo que, sem uma escada de mão, que trataram logo de retirar depois de usada, era impossível segui-los.

– Por esta vez eles conseguiram fugir – murmurou o que comandava o grupo. – Não teremos tempo de vigiar todas as saídas e eles não serão estúpidos de perderem muito tempo lá em baixo.

– Há uma peça fechada que ainda não revistamos – disse um dos homens.

– Olhem, mas como toda a certeza não encontrarão nada.

A resistência da fechadura foi vencida sem dificuldade e os agentes descobriram, imediatamente, o corpo de Pratkan.

– Ei, inspetor, aqui há um homem morto!

– É o hóspede do hotel!

O inspetor aproximou-se do grupo e examinou o cadáver. Sobre suas cabeças, encolhido e imóvel, Danny observava a cena. Por sorte, nenhum policial teve a ideia de examinar o teto.

– Deve ter sido assassinado por seus cúmplices, por ter cometido a imprudência de nos trazer aqui – declarou o inspetor, enquanto se erguia. – Vocês dois, encarreguem-se dele. Vamos levá-lo para o necrotério. Mais tarde falarei com o perito.

Os policiais não descobriram o pequeno desvão e não examinaram nada mais. Por que iriam fazer isso? O homem que vinham seguindo estava ali, provavelmente assassinado por seus



Hotel de Espiões – Gary Belsan

cúmplices. E havia, também, indícios de que estes tinham fugido. Seria inútil pensar que ali pudesse haver mais alguém.

O corredor enchera-se de gente que acorrera aos primeiros tiros. Quase todos eram inquilinos do edifício, havendo também alguns transeuntes e, misturados ao grupo, os dois agentes americanos, à espera dos acontecimentos.

Tinham chegado, também, dois guardas da rua, a quem os policiais do hotel se deram a conhecer. A uma ordem do inspetor, os dois começaram a afastar os curiosos.

Conseguiram em parte. Os espectadores teimaram em permanecer, afastando-se um pouco apenas para, de longe, continuar observando tudo que acontecia.

Bob e Henry estavam entre os mais teimosos e observando que os vizinhos do apartamento pareciam gozar de certos privilégios, insistindo em permanecer nos primeiros degraus da escada, colocaram-se entre eles.

Os agentes começaram a surgir na porta, vindos do corredor. Quando apareceram os que transportavam Pratkan, os dois americanos, angustiados, julgaram reconhecer no morto seu novo companheiro.

Consultaram-se com os olhos. Havia no de ambos um pesar imenso por não terem conseguido evitar a morte do amigo. Agora nada podiam fazer.

Abatidos, observaram como o grupo deixava a casa. Quase maquinalmente saíram atrás, misturados aos curiosos. Os policiais acomodaram-se no carro que os trouxera ali, deitando o corpo de Pratkan no chão do veículo e este se pôs em marcha.

Os curiosos comentavam os fatos formando pequenos grupos que logo se foram dissolvendo. Bob e seu companheiro, tristes e cabisbaixos, saíram andando rua afora.

— Não consigo compreender o que aconteceu — disse Henry. — Não sei por que, mas acho que aquele rapaz deve ter enfrentado a polícia. De outra maneira não...

Interrompeu-se ao sentir que uma mão lhe batia no ombro e julgando que algum guarda queria fazer uma pergunta, voltou-se, ao mesmo tempo em que seu companheiro e ambos ficaram como petrificados, olhando para Danny.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Este, que esperava tal surpresa, sorria, mas ao ver que os companheiros olhavam boquiabertos, rompeu a rir com vontade.

— Vocês me olham como se estivessem vendo um fantasma — disse, alegre. — Esqueceram o meu sócia? Foi ele que viram sair carregado pelos policiais.

— Puxa! — exclamou, por fim, Henry. — Como vínhamos atrás de você, nem sequer pensamos mais no verdadeiro Hugo. Não imagina quanto nos alegamos de vê-lo são e salvo, depois de termos acreditado que estava tão morto quanto uma múmia. Fale logo, pois imagino que deve ter histórias para nos contar.

— Claro homem! É do maior interesse. Nossos inimigos descobriram o lugar onde há um centro de investigações atômicas e acho que já estão indo para lá. Temos que nos reunir, aos outros o quanto antes. Quando estivermos todos juntos, vou contar-lhes os fatos com mais pormenores.

Chamaram um táxi e dirigiram-se para a casa isolada que os agentes do FBI haviam alugado nos arredores de Estocolmo. Os três homens conservaram-se em silêncio durante toda a viagem. Danny tinha o pensamento fixo numa figura de mulher. Depois do que acontecera a Pratkan, sua situação perante Dúnia mudara completamente.

Quando os cinco homens, que agora compunham as forças do FBI, encontraram-se reunidos, Danny narrou sem omitir nenhum pormenor, tudo quanto acontecera desde sua volta ao Grande Hotel.

Jack redobrou de atenção quando ele se referiu à substância retardadora. Não o interrompeu, mas assim que ele parou de falar, levantou-se e examinando um mapa, localizou prontamente a ilha de Gotland, no Báltico.

— Temos que partir para lá o quanto antes. Alguns minutos a mais ou a menos podem ser decisivos para a marcha da guerra. Temos que encontrar um meio de chegarmos a essa ilha.

— Onde está a moça? — perguntou Danny. — Eu gostaria de falar com ela.

— Sinto muito, mas faz meia hora que a deixamos em liberdade. Não era preciso retê-la mais tempo. Transportamo-la de carro, com os olhos vendados e, depois de algumas voltas, foi deixada numa rua central.

— Vou a casa dela.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Mudou de ideia?

– Não. O que mudou foi minha situação, não compreendem? O homem que ela parecia amar morreu. Eu... Bem, a verdade é que não sei o que fazer. Só o que sei é que preciso vê-la, falar com ela, estar ao seu lado.

Jack aproximou-se dele e, carinhosamente, pôs-lhe a mão no ombro.

– Gosta muito dessa moça, não é?

– Muito, como nunca pude imaginar.

– Escute você nos prestou um grande favor. Sem sua ajuda, ainda andaríamos às cegas. Já fez bastante por nós e agora deve ficar ao lado de Dúnia. Não tem nenhuma necessidade de se arriscar nas aventuras que se aproximam.

– Não, Jack. Agradeço suas boas intenções, mas eu quero ir com vocês até o fim. Depois, se ela quiser, voltarei para buscá-la. Não, não diga nada. Já estou inteiramente decidido.

Perdido num mar de dúvidas, sem saber se devia ou não contar toda a verdade à moça, Danny dirigiu-se para a Rua Upsula, onde uma grande decepção o esperava.

Ninguém respondeu às batidas na porta do apartamento e ao pedir informações, disseram que ela havia abandonado a casa quinze minutos antes para não voltar e sem dizer para onde ia.

Danny saiu para a rua e começou a andar sem rumo fixo. Refletindo sobre a atitude de Dúnia, compreendeu que ela não quisera continuar na casa, depois dos acontecimentos da noite anterior.

Recriminou-se por não ter querido falar com ela, antes de voltar ao Grande Hotel. Talvez pudessem ter chegado a alguma conclusão ou, pelo menos, combinado um lugar onde se encontrarem, depois que ela fosse posta em liberdade. Agora a perdera e o mais provável é que nunca mais tornaria a vê-la.

Quando voltou para junto dos companheiros, estes logo perceberam seu abatimento.

– Não a encontrou? – perguntou Jack.

Danny sacudiu a cabeça. Depois esboçou um gesto vago, acrescentando:

– Perdi-a para sempre. Não posso procurá-la de casa em casa.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Foi informado de que seus companheiros sairiam às duas horas do dia seguinte para a ilha de Gotland, a bordo do "Coimbra", um navio mercante português que ali faria escala, em sua viagem para a cidade do Porto.

— Repito que você não tem a menor obrigação de nos acompanhar. Pode ficar aqui se quiser. Enviarei um relatório a Washington contando tudo que lhe aconteceu e eles o protegerão como julgarem mais convenientes.

— Não, prefiro ir com vocês. Agora, mais do que nunca, preciso lutar para me distrair e tentar esquecer.

Jack não insistiu mais. No tom amargurado de Danny percebia-se, claramente, uma decisão irrevogável.

* * *

Quando Dúnia se encontrou livre, permaneceu imóvel na calçada, olhando para o carro que a trouxera, até que o perdeu de vista entre o tráfego.

Depois começou a andar lentamente. Não sabia o que fazer, nem o que pensar da estranha aventura que acontecera. Deveria ir à Chefatura de Polícia mais próxima e relatar todos os fatos? Sem saber explicar os motivos, não se sentia inclinada a isso. Iria enchê-la de perguntas e com os dados que ela fornecesse nunca poderiam encontrar os raptos.

A tudo isso se somava a preocupação que sentia pela sorte de Pratkan. Não sabia o que lhe aconteceria. Os sequestradores haviam-se portado corretamente com ela, a não ser pela maneira não muito suave de obrigá-la a acompanhá-los; mas mesmo assim não podia acreditar que se tratasse de assassinos. Parecia que desejavam arrancar alguma informação de Pratkan. Claro que se este se negasse poderiam matá-lo.

Mas ela se sentia impotente para ajudá-lo. Sabia que não podia fazer nada, absolutamente nada.

Dirigiu-se a seu apartamento, decidida a não passar a noite ali. Os acontecimentos da véspera provocariam muito rebuliço e ela não estava disposta a ouvir comentários quando passasse e nem a dar explicações a quem quer que fosse.

Alugou um quarto numa pensão de categoria modesta e ali passou toda a noite, sem poder conciliar o sono. Conseguia adormecer por raros instantes, para logo acordar vítima de um



Hotel de Espiões – Gary Belsan

pesadelo, no qual via Franz como um demônio que surgia diante dela e de Pratkan, para assassiná-los.

Nos momentos em que despertava compreendia que tinha um medo exagerado de Franz. Sua sombra a perseguia em toda parte e sentiu que não viveria tranquila enquanto não estivesse bem longe dele.

Mas agora Pratkan a retinha em Estocolmo. Pela centésima vez repetiu que ele sofrera uma estranha transformação. Horas antes e diante das evasivas de Pratkan, cujo amor nunca estivera muito certa e em quem se refugiara para desembaraçar do odioso Franz, estava decidida a ir embora da Suécia, em busca de novos horizontes e de nova vida.

Mas desde que vira Pratkan no hotel, seu coração enchera-se de um sentimento estranho, suave e profundo como nunca sentira antes; era como se, de repente, estivesse diante de um Pratkan diferente do que ela conhecia. Sim, era verdade. Pratkan estava mudado, parecia "outro homem". E agora ela não podia pensar em afastar-se, voluntariamente, de seu lado.

Decidiu que, no dia seguinte, iria ver o dono do cabaré onde trabalhara, para propor que continuasse no emprego. Tinha certeza de que ele concordaria.

De madrugada conseguiu dormir profundamente e quando acordou já era quase meio dia. Almoçou na pensão e saiu, depois de pedir informações sobre a condução que a levaria ao cabaré.

Para chegar à parada do ônibus que lhe indicaram, Dúnia teve que caminhar alguns minutos. Várias pessoas estavam esperando o veículo. A moça ficou atrás de um senhor de cabelos brancos.

Passou um jornaleiro, apregoando as notícias. O cavalheiro que estava ao lado de Dúnia chamou e comprou um exemplar. A moça olhou-o distraída. Subitamente ficou pálida.

Enquanto o homem abria o jornal, seus olhos deram com a fotografia da primeira página e com o título do cabeçalho.

Chamou, apressadamente, o jornaleiro e comprou um, lendo com rapidez. Sentiu-se a ponto de desmaiar. Como lhe parecera a princípio, a fotografia era de Pratkan e a notícia anunciava sua morte, acusando-o de ser, possivelmente, o assassino do diplomata finlandês.

— Está se sentindo mal, senhorita?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Não, não, não é nada. Um ligeiro mal estar. Afastou-se da fila. O homem de idade madura, que notara sua confusão, seguiu-a com o olhar até perdê-la de vista. Dúnia entrou num café e escolhendo uma mesa afastada, releu angustiada, toda a notícia.

A polícia do Grande Hotel não pudera evitar que a imprensa descobrisse o caso e o correspondente daquele jornal dava uma ampla informação de todos os acontecimentos.

Concluída a leitura, Dúnia largou-o sobre a mesa, com ar abatido. Desde que comprovara de que não fora a polícia quem matara Pratkan, sentira claramente que a vingativa mão de Franz estava envolvida no crime.

Profundamente magoada com a morte do homem que nos últimos dias lhe despertara um verdadeiro amor, permaneceu algum tempo perdida em amargas meditações.

Não podia voltar ao cabaré. Não podia, também, permanecer em Estocolmo. Franz iria persegui-la para completar sua vingança e passaria a viver em continuo sobressalto. Com a morte de Pratkan, nada mais a retinha ali. Fugiria. Sim, sairia da Suécia o quanto antes e para qualquer lugar.

Dirigiu-se para o porto. Desde 1939, poucos meses depois de seu nascimento, sempre vivera em Hamburgo. Seu pai fora empresário de estivadores e Dúnia conhecia uma infinidade de comandantes de navios mercantes de, todas as nacionalidades.

Teve sorte. O velho comandante João Ferreira, um português que conhecera muito bem seu pai, partia para o Porto às duas da madrugada. Colocou algumas dificuldades, especialmente pelo perigo que todas as embarcações, mesmo neutras, corriam nas travessias de mares infestados de minas e submarinos, mas, finalmente, atendeu às angustiantes súplicas da moça.

Dúnia regressou à cidade. Tinha o tempo justo para recolher sua bagagem e voltar para o porto. Antes das dez horas já estava no pequeno camarote que o comandante mandara preparar-lhe.

Pouco antes das duas horas subiu para a coberta e, escolhendo um canto solitário, debruçou-se à amurada, olhando para a cidade. A sireia do navio deixou ouvir sua voz rouca. Na ponte de comando, o velho lobo do mar português e um práctico do porto dirigiam as manobras, dando rápidas ordens que o piloto retransmitia logo



Hotel de Espiões – Gary Belsan

através do alto-falante que mantinha na mão direita, encostado aos lábios.

Soltas as amarras, o “Coimbra” pôs-se lentamente em movimento, dirigindo-se para a saída do extenso porto, coalhado de embarcações, entre as quais predominavam as de cabotagem.

Em frente à Dúnia, a cidade em que se destaca orgulhosamente o edifício da Câmara Municipal, de tijolos vermelhos com cúpulas Verdes e adornos dourados, foi ficando para trás, pouco a pouco, encoberta pelo véu de lágrimas que cobria os belos olhos da moça.

Ela não podia evitar a emoção. Ali, em Estocolmo, ficavam enterrados seus entes mais queridos. Primeiro a mãe, logo que haviam chegado de Hamburgo de onde o pai, inglês de nascimento, julgara conveniente sair, poucos dias antes do ataque alemão à Polônia. Depois, em 1942, morrera o pai, deixando-a sozinha no mundo e, agora, Pratkan, o homem que, repentinamente, começara a amar com paixão.

Voltou ao camarote e jogou-se na cama, perdendo-se em seus tristes pensamentos. Desde sua ida ao Grande Hotel começara a acreditar na felicidade ao lado de Pratkan. Mas esta ilusão desvanecera prontamente com o trágico fim daquele homem que devia estar envolvido numa perigosa aventura e que acabara lhe custando a vida. E agora, só, completamente só, partia para terras estranhas, desejando conhecer novas pessoas e recomeçar vida nova, com sorte melhor do que a que tivera até então.

No camarote contíguo, dividido apenas por uma parede, um homem concentrava todos os seus pensamentos na imagem adorada de Dúnia, a encantadora moça de olhos azuis, que acreditava ter perdido para sempre. Era Danny Webler.

CAPÍTULO VIII

Algumas batidas discretas na porta do camarote arrancaram Dúnia dos pensamentos profundos em que estava mergulhada. Virou a cabeça naquela direção, saltou da cama e dirigiu-se para a porta. Ignorava quanto tempo havia transcorrido, mas pensou, sem se dar



Hotel de Espiões – Gary Belsan

ao trabalho de verificar, que não deviam ter saído de Estocolmo há mais de meia hora.

E assim era, em verdade, mas a ilha de Gotland estava muito perto do litoral e o “Coimbra” Já se aproximava dali. Naquele lugar devia descarregar o que o deteria por quase três horas.

Abriu a porta e um jovem oficial, elegante, perfilou-se. Depois avançou de quepe na mão, em direção à moça. Ele era totalmente desconhecido e ela estranhou ao vê-lo com uniforme de gala, muito diferente dos usados pelo resto da tripulação, inclusive pelo próprio comandante.

– Permita-me apresentar-me – começou o recém-chegado. – Meu nome é Paulo Ferreira e sou filho do comandante.

– Muito prazer.

– O prazer é todo meu, senhorita Bryan. Seguiu-se um silêncio curto e embaraçoso. Nos olhos do oficial podia-se ler, sem dificuldade, a admiração que sentia pela beleza serena da moça. Parecia levemente perturbado, sem saber como continuar. O olhar inquisidor e curioso de Dúnia ajudaram-o.

– Estamos chegando à ilha de Gotland. Já a visitou alguma vez?

– Não.

– É maravilhosa, pode acreditar. Eu já estive ali várias vezes e sempre fiquei encantado. Tem um clima delicioso, uma vegetação magnífica e em Visby... Bem, foi para isso que vim importuná-la. Queria convidá-la a dar um passeio pela ilha. Tenho certeza de que vai gostar. Trazemos alguma carga e poderemos dispor de quase três horas. Aceita?

Dúnia hesitou. Não se sentia disposta a fazer nenhuma excursão, mas parecia indelicadeza recusar o convite do oficial. Por outro lado, precisava se distrair.

– Está bem – decidiu. – Aceito.

– Oh, obrigado! – exclamou Paulo, suspirando profundamente, num ar meio cômico, como se lhe tirassem um enorme peso de cima. – Estava com medo de que não aceitasse.

– Tão importante assim era minha decisão?

– Não... Quero dizer, sim. Alguns colegas me viram com o uniforme de gala. Tive que dar explicações e se a senhorita não aceitasse meu convite, eu seria obrigado a suportar suas brincadeiras, compreende?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Compreendo – disse Dúnia, sorrindo. – E agora, se me dá licença, vou me arrumar um pouco. Dentro de quinze minutos irei procurá-lo.

– Muito obrigado, senhorita Bryan.

Paulo saiu do camarote radiante de felicidade. Passar algumas horas com aquela encantadora moça na romântica paisagem de Gotland era algo que o envaidecia muito. Mas, se tivesse imaginado a aventura que o esperava, teria se mostrado muito mais sério e preocupado.

Quando Dúnia subiu para a coberta, o navio já deitara âncoras, parando na pequena enseada. Paulo conduziu-a para a proa onde, naquele momento, alguns marinheiros desciam até a água uma pequena lancha.

Enquanto isso, na outra ponta do navio, outros marinheiros repetiam essa operação com o barco que levaria Danny e seus companheiros para terra.

– Só nós dois é que vamos para a ilha? – perguntou Dúnia, entrando na lancha, depois de ter descido a escada, seguida pelo oficial.

– Não. Vão também alguns turistas noruegueses que trouxemos de Estocolmo. Mas eles vão utilizar um bote de remos. Dispõem de todo o tempo para visitarem a ilha e nós só temos algumas horas. Além disso – acrescentou voltando-se para a moça num gesto cômico de cumplicidade – todos são jovens e eu... Sou muito ciumento.

Dúnia sorriu, sentindo trepidar o motor da lancha que, de proa voltada para o porto, começou a se afastar rapidamente do "Coimbra". Na popa deste, os homens do FBI, que apreciavam o trabalho dos marinheiros, voltaram distraidamente às cabeças ao ouvirem o ruído do motor.

A pequena embarcação afastava-se velozmente, deixando atrás de si uma faixa borbulhante de espuma branca. Sem maior curiosidade, Danny seguiu-a com o olhar, até perder-se entre outras embarcações. Notara que na lancha, além do timoneiro, havia um oficial e uma mulher, sentados lado a lado e de costas para o navio. Nada mais. Voltou à cabeça, Jack estava começando a descer a escada de cordas.

– Turistas? – repetiu Dúnia, depois de algum tempo de reflexão.
– Não acha estranho?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Sim. Meu pai e eu também estranhamos, mas – encolheu os ombros com displicência, ao mesmo tempo em que fazia uma curta pausa, – Pagaram bem e como o trajeto era curto, sem sair de águas suecas, meu pai concordou. Não é época para turismo, mas esses noruegueses pouco devem se importar com os acontecimentos da Europa.

Em terra, foram alugar um carro para percorrerem os pontos mais pitorescos da ilha e os arredores de Visby, denominada “cidade das rosas e das ruínas”, com, seus velhos castelos medievais, vestígio das passadas glórias da cidade, um dos mais firmes baluartes da poderosa liga Hanseática.

O dono da garagem, próspero em tempos de paz, estava atravessando com grande dificuldade o quinto ano de crise.

– Quer um carro com chofer? – perguntou a Paulo, com certa malícia.

E enquanto o empregado preparava o veículo, entrou no assunto obrigatório.

– Você que anda por este mundo agitado, Paulo, conte-me o que há de novo.

– Isso está chegando ao fim, Cristian, posso garantir. A Alemanha está perdendo em todas as frentes.

– Hum! – resmungou Cristian, coçando a cabeça. – Não sei por que, mas não me fio muito nisso. Você sabe bem como são estes alemães e eu não estranharia nada se, no último momento, lançassem mão de alguma arma terrível, que nós nem podemos imaginar, e liquidassem seus inimigos.

– Eu não desprezo essa possibilidade, mas garanto que, se antes de poucos meses os alemães não empregarem alguma arma nova e mortífera, como você diz, estarão perdidos.

O empregado de Cristian estava tirando um carro da garagem. Era um “Ford” conversível, de modelo um tanto antiquado, mas ainda em bom estado de conservação. Fez uma manobra, deixando-o junto ao grupo formado por seu chefe e pelos dois jovens.

– Sei que você preferia o “Plymouth” – disse Cristian, dirigindo-se ao oficial, – mas faz uma hora que o aluguei para uns turistas.

– Turistas – estranhou Paulo. – Pensei que continuavam sem aparecer por aqui.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Bem, foi o que eles disseram. Apresentaram-se como suecos, mas para mim são tão suecos como eu, que nasci em Oslo. Tenho a vaidade de reconhecer, à primeira vista, a nacionalidade de qualquer europeu e me sentiria desmoralizado se eles não fossem alemães. E, quanto a serem turistas... Não sei, mas acho que sua visita deve estar relacionada com aquele misterioso hóspede, que está no castelo de Visby, há alguns meses.

– Um hóspede misterioso? – perguntou Paulo, com curiosidade.

– Sim – respondeu Cristian. E baixando um pouco a voz acrescentou, lançando um olhar receoso em torno: – Para mim, é um cientista sueco que procura descobrir a tal arma secreta de que falei. Sua chegada foi precedida de um barco, de onde transportaram para o castelo um grande número de caixas misteriosas. Tenho certeza de que montaram um laboratório ali.

Paulo pensou que seu amigo tinha uma imaginação muito fértil, mas não deixou transparecer esta impressão, quando disse:

– Tudo isso pode ser verdade, mas eu lhe previno que é bem possível que sejam apenas turistas. Talvez eles comecem a aparecer, com os novos rumos que a guerra está tomando. Digo isso, porque nós trouxemos cinco noruegueses que vieram visitar a ilha. Já devem estar desembarcando.

– O quê? – espantou-se Cristian. – Será possível que isso aqui vai se animar outra vez? Ei, Link! Corra ao porto e procure estes cinco turistas noruegueses, que estão chegando num bote do “Coimbra”. É quase certo que vão precisar de um carro.

– Bem, nós vamos andando. Não dispomos de muito tempo.

Paulo abriu a porta do carro para que Dúnia entrasse. Depois deu a volta e instalou-se ao volante.

– Até logo, Cristian.

– Até logo, casal feliz. Divirtam-se!

O carro arrancou suavemente e Cristian acompanhou com o olhar. Ainda o avistava ao longe, quando sua atenção foi despertada pela presença de Link, que voltava acompanhado por Danny e pelos agentes do FBI.

Franziu a testa, levemente. Lembrava de que Paulo lhe falara em turistas noruegueses, isto é, compatriotas seus, e só à primeira vista, estava certo de que aqueles homens podiam ser de qualquer lugar, menos da Noruega. Catalogou-os, mentalmente, enquanto se



Hotel de Espiões – Gary Belsan

aproximavam. E, em sua extraordinária perícia, adquirida através de muitos anos de experiência, deu-lhes a nacionalidade exata: norte-americanos.

Cinco alemães e cinco americanos em Visby, lutando por camuflar sua verdadeira nacionalidade. A imaginação fértil do norueguês trabalhava ativamente, enquanto cumprimentava com toda a cordialidade os recém-chegados. Com ar natural entabulou conversa com eles, esperando que Link preparasse o carro, cujo oferecimento tinha sido providencial aos americanos.

— É uma novidade que apareçam turistas, numa época dessas. E hoje não foram só os senhores.

Os agentes olharam-se furtivamente.

— É mesmo? — perguntou Jack. — E nós que pensávamos que ninguém nos incomodaria e que poderíamos percorrer a ilha à vontade. Foi por isso que escolhemos esta época.

— Pois outro grupo já a está percorrendo, faz meia hora. Talvez possam encontrá-los.

— Gostaríamos muito. Sabe para onde se dirigiram?

— Não tenho certeza, mas garanto que não deixarão de admirar as ruínas dos velhos castelos.

— Ah, sim.

— Se quiserem um guia...

— Não, basta uma informação geral.

— Nesse caso, tenho aqui uma coisa que será muito útil.

Cristian deu-lhes um plano geral da ilha e o grupo acomodou-se no carro, com Henry ao volante.

Quando já estavam a caminho, trocaram algumas impressões sobre a recente descoberta. Os homens da Gestapo haviam chegado com alguma antecipação; mas eles também estavam ali, dispostos a disputar o triunfo.

Cristian e seu ajudante viram-nos partir. Dos lábios do primeiro surgiu um comentário, que o outro não esperava.

— Link hoje vai ter barulho em Visby.

— Barulho?

— Sim, vai ser algo assim como uma terceira frente em miniatura.



CAPÍTULO IX

A vegetação que os rodeava era extraordinária, quase luxuriante, além de exuberante. As flores e a verdura envolviam o par que passeava deixando-se conquistar pela suavidade paradisíaca do ambiente.

Haviam abandonado o “Ford” minutos antes, perto das ruínas de uma muralha, penetrando lentamente na floresta.

– Isso é realmente delicioso – afirmou Dúnia, aspirando com prazer o aroma das flores silvestres.

– Não é como eu disse? Já estive aqui, mas juro que nunca me pareceu tão encantador como hoje.

Dúnia agradeceu o cumprimento com um sorriso e ele prosseguiu, mudando de tom:

– Logo vamos chegar a um dos mais famosos castelos da antiga cidade. Está em ruínas como todo o resto, mas, dentro de seu estado, é o que conta com mais salões e dependências que ainda resistem à passagem dos séculos. Olhe, ali estão suas muralhas, isto é, o que resta delas.

Avançaram mais alguns metros, parando depois num ponto de onde se descortinava, em toda a sua extensão, os restos do que fora uma imponente construção de pedras.

De seus quatro torrões, três permaneciam em pé e nas muralhas destruídas viam-se os buracos abertos pela ação demolidora do tempo. Mas, apesar disso, ainda conservava certa majestade e Dúnia impressionou-se com a quietude e solidão que rodeava a velha fortaleza.

– Vamos entrar – decidiu Paulo, e como visse que a moça não o seguia, acrescentou: – Espero que não acredite em fantasmas.

– Oh, não! – negou Dúnia. – Isso me impressiona bastante, mas não me leva ao ponto de acreditar em fantasmas.

E como para confirmar o que dizia, começou a andar, decidida, em direção à abertura mais próxima. Na realidade, mesmo que não acreditasse em personagens de além-túmulo, não podia evitar certo



Hotel de Espiões – Gary Belsan

temor. Mas não queria se mostrar fraca e covarde diante do companheiro.

Sorrindo levemente, Paulo seguiu a moça e já estavam perto da muralha quando alguém surgiu a seu lado, tão de improviso, que Dúnia não pôde conter um gritinho de susto e de medo.

Instintivamente procurou a proteção de Paulo e ambos ficaram olhando para o homem que ali estava. Surgira silenciosamente da direita e agora os olhava também com certo receio. Não podia ser um habitante da ilha, ou, pelo menos, não parecia. Por fim o homem rompeu o silêncio para dizer num tom firme:

– Não podem entrar.

– Por quê? – quis saber Paulo.

– Não posso explicar. Basta que saibam que é proibido. Sou da polícia.

Os dois jovens olharam-se. Por suas cabeças passou logo a história que contara Cristian da chegada de um misterioso cientista.

– Sinto muito – acrescentou o agente que pertencia ao grupo que custodiava o cientista sueco. – Agora devem retirar-se. Podem visitar todas as ruínas da cidade, exceto este castelo.

Dúnia e Paulo afastaram-se, depois de se desculparem. Quando se viram longe dos olhares do policial, ele expressou seus pensamentos:

– Acho que as deduções de Cristian não estão muito erradas.

– O misterioso cientista deve estar lá, fazendo experiências.

– Sim. E cercado de policiais. Será possível que tenha descoberto essa nova arma, que mesmo sem saber do que se trata, muitos esperam vê-la aparecer nas mãos dos alemães?

Dúnia observou que o companheiro parecia um pouco assustado. Ela, depois do pequeno susto, sentia-se contente de se afastar do castelo.

– Vamos embora – disse. – E não fale tão alto. Acho que se algum policial o ouvisse não o deixaria voltar tão facilmente e...

Calou de repente interrompida por um grito lancinante, que lhe gelou o sangue nas veias. Seus olhos escancararam-se, olhando assustados para Paulo, que parará petrificado.

– Temos que sair daqui! – conseguiu articular com algum esforço.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

— Não! — recusou-se Paulo, reagindo. — Isso foi o grito de um homem mortalmente ferido! Pode ser alguém que precise de nossa ajuda e a quem não podemos abandonar. Venha!

Paulo voltou correndo, enquanto Dúnia se esforçava em acompanhá-lo. Ambos sabiam que o grito viera do lugar onde haviam deixado o policial.

Apesar de seus esforços, Dúnia foi ficando para trás. Não podia correr tão depressa e com a mesma desenvoltura de Paulo. Perdeu-o de vista por um momento. Quando tornou a divisá-lo, ele estava inclinado para um vulto caído no chão.

Paulo ergueu-se ao ouvi-la chegar, voltando-se na direção dela.

— Não se aproxime — recomendou. — Não é agradável de ver.

Apesar da advertência, Dúnia não pôde evitar que seus olhos pousassem no corpo do agente que jazia imóvel, de bruços, com uma enorme mancha de sangue nas costas. Virou o rosto para o outro lado, cobrindo, instintivamente, o rosto com as mãos.

— E aquele policial?

— Sim e nada mais podemos fazer por ele. Foi apunhalado. Temos que avisar a polícia local.

Naquele momento, perceberam o ruído do motor de um carro. Paulo ficou escutando alguns segundos e logo tomou uma decisão.

— Está vindo alguém pela estrada. Vou pedir socorro. Não se mova daqui.

Caminhou para uma pequena elevação, da qual podia ver a estrada. Voltou-se para a moça, explicando:

— São os turistas noruegueses! Voltaremos já!

Correu para a estrada por entre a abundante vegetação. Agitou os braços quando verificou que os homens do carro podiam vê-lo. Efetivamente, os agentes logo o viram, reconhecendo-o. Henry diminuiu a marcha para frear ao chegarem perto.

— Esse homem é um oficial do "Coimbra" é deve ter alguma coisa para nos dizer.

— É o filho do comandante.

— Estou me lembrando de que o vi dirigir-se para terra numa lancha — disse Danny. — Acho que estava acompanhado por uma moça.

Paulo já saíra para a estrada e corria ao encontro do carro.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Foi bom encontrá-los – disse arquejante. – Um homem acabou de ser assassinado perto daqui; trata-se de um agente do governo. Temos de avisar a polícia de Visby.

Os ocupantes do veículo olharam-se, sentindo que aquilo devia estar relacionado com a missão que os trouxera à ilha.

– O senhor nos espanta – declarou Jack, dispondo-se a saltar do carro. – Disse que um agente do governo foi assassinado?

– Sim. Venham comigo. Deixei a senhorita Bryan sozinha.

Os cinco homens seguiram Paulo, que os precedia correndo. O nome da moça, pronunciado por Paulo, não significava nada para eles. Tanto Danny como os demais desconheciam o sobrenome de Dúnia. Chegaram junto à muralha, encontrando o corpo do policial.

– Aqui está a vítima – mostrou Paulo, olhando espantado para todas as direções. – Mas ela..., Senhorita Bryan! Senhorita Bryan!

Chamou, andando de um lado para outro, desesperado. Temia que houvesse acontecido alguma coisa com a moça e estava furioso consigo mesmo por ter cometido a imprudência de deixá-la sozinha.

Refere-se à moça que o acompanhava na lancha? – perguntou Danny, aproximando-se. – Eu vi do navio, quando partiam para terra.

– Sim. Deixei-a aqui, faz poucos minutos. Que estúpido fui! Não devia tê-la abandonado nem um minuto! Vocês têm de me ajudar a encontrá-la!

– Conte conosco – respondeu Jack. – Mas agora se acalme e conte mais alguma coisa sobre o crime. Viu mais alguém pelos arredores?

– Não. Só falamos com este homem, pouco antes de ter sido assassinado.

– Foi ele quem disse que era um agente do governo?

– Sim. Nós pretendíamos visitar este castelo, mas ele nos impediu, dando-se a conhecer.

O interesse e a atenção de seus ouvintes aumentaram. O que ouviam fazia-os imaginar que sua boa estrela colocara-os na pista certa. E, também, já tinham opinião formada sobre a identidade dos que haviam apunhalado o policial sueco.

– Estamos cada vez mais perplexos – afirmou Jack, que como chefe do grupo tomara a palavra. – Conforme nos disse, esse policial estava aqui para impedir que alguém entrasse no castelo. Por quê?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Nós pensávamos que não houvesse nenhuma proibição para se visitar as ruínas de Visby.

— Para os outros, não há. É só para este — e adotando um ar confidencial, Paulo acrescentou baixando a voz: — Acho que sei o motivo. Um amigo me contou que há um hóspede misterioso alojado aqui, já faz alguns meses e, segundo ele, fazendo experiências para encontrar uma nova arma secreta. Isso podia explicar a presença deste pobre policial.

Os americanos não precisavam ouvir mais nada. Já estavam convencidos de que se encontravam num terreno firme, tão firme quanto podia ser um terreno povoado de ameaças e inimigos.

— Acho que o melhor — continuou Paulo, — é que um de nós vá ao carro buscar socorro, enquanto os outros procuram à senhorita Bryan.

— Não. — discordou Jack, que não queria nada com a polícia local. — Por enquanto não devemos ficar com menos um homem. Estamos em número certo para tentarmos uma investigação no castelo, por nossa conta. Faz muito tempo que descobriu o crime?

— Menos de dez minutos. Mal nos havíamos separado dele, quando ouvimos o grito que deve ter dado ao ser ferido. Voltamos correndo e assim que terminei de verificar que nada mais podíamos fazer por ele, ouvimos o ruído de seu carro. Fui encontrá-los, cometendo a terrível imprudência de deixar a moça sozinha. Isso é tudo. Estou muito preocupado por ela e não ficarei tranquilo enquanto não a encontrar sã e salva.

— Acho que deve ter sido aprisionada pelos colegas do policial.

— Pior é se tiver sido pelos assassinos. E eu não estranharia nada, se estes fossem os cinco alemães que se fazem passar por suecos.

— A quem se refere? — perguntou Jack, com a maior cautela.

— A uns turistas que Cristian viu. Ele afirma que eram alemães e desconfiou que a vinda deles fosse motivada pela presença do misterioso pesquisador. Agora estou começando a acreditar que as desconfianças de meu amigo não eram pura imaginação, como pensei antes.

— É quase certo que a moça que o acompanhava esteja dentro do castelo.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Claro. O mais provável é que tenha sido detida pelos policiais, que devem custodiar o sábio. Não acredito que corra perigo, se estiver com eles.

– Vamos. Tem alguma arma?

– Não.

Henry entregou ao português uma automática 6,35 e vendo que ele se dispunha a guardá-la, recomendou:

– Não, não. É melhor que siga nosso exemplo.

O exemplo a seguir era empunhar o revólver. Os cinco homens assim o haviam feito e Paulo imitou-os. Cautelosamente o grupo penetrou pela abertura que havia na muralha.

Os inimigos só levavam alguns minutos de vantagem, deixando atrás de si uma pista sangrenta que serviria para localizá-los, ganhando um tempo que podia ser precioso.

Avançavam devagar, inspecionando todos os lugares por onde passavam. Estava tudo deserto e silencioso, envolto numa calma esmagadora que pairava sobre eles, impressionando-os, apesar de lutarem contra isso.

De súbito, Jack, que marchava na frente, ao lado do português, descobriu a seus pés um objeto que despertou sua atenção. Abaixou-se para recolhê-lo e examinou com grande curiosidade, seguido pelos outros. Era um botão preto que, certamente, caíra da roupa de alguém que passara por ali.

– Tanto pode ser da policia sueca como de alguém da Gestapo – murmurou Jack, expressando a opinião geral. – Eu me inclino a pensar que seja dos últimos. Pressinto que estamos seguindo seus passos.

Continuaram a inspeção, sem o menor resultado positivo.

– Receio que não descubramos nada – declarou Paulo, desanimado, parando no mesmo instante. – Lembro de que na primeira vez que visitei estas ruínas, um guia falou na quantidade de galerias e corredores secretos que havia no subsolo. Estavam em melhor estado do que os que estão na superfície.

– O mais provável é que o laboratório esteja instalado em um deles.

– Eu também acho.

– Não estiveram em nenhum?



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Sim, mas não consigo me lembrar de onde ficam. Seria melhor que pedíssemos ajuda de um conhecedor do castelo.

– Mas, e os alemães? Onde estão? Se eles conseguiram encontrar algum corredor secreto, nós também poderemos achá-lo. E se assim aconteceu, como nos faz presumir este silêncio que nos rodeia, não creio que tenham tornado precauções para não serem seguidos, pois nem suspeitam de nossa presença aqui. Em resumo, se agora eles tiveram mais sorte do que nós, eles mesmos nos traçarão o caminho e...

Jack calou-se repentinamente. Paulo olhava com curiosidade e o chefe do grupo percebeu que suas palavras deviam parecer um tanto estranhas ao português. Decidiu a pôr as cartas na mesa.

– Escute meu amigo. Minhas palavras devem ter lhe despertado certas desconfianças. Por isso vou explicar uma coisa, confiando em que, sob sua palavra de homem, não repetirá a ninguém o que vou contar.

Jack fez uma breve pausa. Estava decidido a saber se estava ou não ao lado de um aliado.

– Não somos noruegueses e muito menos turistas.

– Eu logo desconfiei.

– Somos norte-americanos, estamos em uma missão muito delicada, dependendo dela o presente e o futuro do mundo. Numa palavra, tratamos de evitar que os alemães consigam apoderar-se, antes de capitularem, de uma nova arma que possam evitar sua derrota.

– Estou com vocês, de corpo e alma.

– Acredito. E a prova de nossa confiança foi que lhe entregamos uma arma, antes mesmo de sabermos suas intenções. Agora, adiante!

O grupo ainda não se pusera em movimento quando uma série de tiros, não longe dali, ressoou pelas galerias, enchendo o espaço com seus repetidos ecos.

Às detonações sucediam quase sem interrupção, formando uma balbúrdia igual a uma queima de fogos artificiais.

Danny e Bob fizeram um movimento com o intuito de se dirigirem para o lugar de onde parecia vir o tiroteio, mas Jack estendeu o braço para detê-los.

– Nada disso, rapazes. É mais conveniente esperarmos aqui, calmamente, até que passe a confusão. Não é difícil saber quem são



Hotel de Espiões – Gary Belsan

os contendores, mas se eles se aniquilarem, tanto melhor. Sinto muito pelos suecos, mas sempre será melhor permanecermos quietos, do que tentar repelir a agressão que, certamente, iria nos atingir também.

Enquanto isso, o tiroteio havia diminuído. E, repentinamente, cessou. Os agentes olharam para Jack, de nervos tensos, os dedos presos aos gatilhos das armas. Estavam ansiosos para entrar em ação.

Jack ergueu o braço e o grupo pôs-se em movimento em direção ao lugar de onde haviam partido os tiros. Encontraram uma das primeiras galerias. Ali ainda flutuava o cheiro de pólvora queimada e, no chão, em grotescas posições, jaziam quatro homens.

Depois de um rápido exame, os agentes comprovaram que todos estavam mortos. Quando Danny viu o rosto de um deles, lançou um grito abafado:

– É Stainer! – exclamou.

– Stainer?

– Sim. Um dos homens da Gestapo. O que se fez passar, em Paris, por um compatriota meu. Foi assim que ele disse chamar-se.

– Conhece mais algum?

– Não, mas isso não quer dizer que sejam os policiais suecos. Eu só conhecia três agentes alemães.

– Vamos verificar isso agora.

Com um rápido exame, os americanos logo verificaram que os outros três cadáveres eram dos policiais suecos.

– No primeiro encontro eles saíram ganhando – disse Henry.

Em duas fileiras, uma das quais grudadas ao muro, o grupo prosseguiu o reconhecimento, redobrando as precauções.

Chegaram a um lugar onde a galeria se bifurcava formando dois corredores mais estreitos, e neles a luz do sol apenas penetrava por uma fresta do teto que aparecia, assim como as paredes, em bom estado de conservação.

A comitiva tornou a parar, vacilando.

– Podíamos dividir-nos em dois grupos – propôs Henry.

Jack hesitou um momento. Não podia prever se aquilo daria ou não bons resultados. Finalmente, decidiu aceitar a sugestão do companheiro. Talvez assim, se um grupo fracassasse o outro poderia ter melhor sorte.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

– Está bem. Mas avancem com cuidado e se ouvirem qualquer coisa, tratem de reunir-se imediatamente a nós, para o caso em que tenhamos sido atacados. Nós faremos o mesmo. Você e Danny acompanhem Henry. Vamos!

Depois de se desejarem, mutuamente, boa sorte, os dois grupos separaram-se. Henry e Bob acompanharam Danny pelo corredor da direita. Atravessaram sem nenhuma novidade, saindo para um pátio que devia ter sido o de armas do castelo e deixaram-no para trás, sem verem e nem ouvirem nada de interessante, seguindo por uma nova galeria.

– Outra vez este maldito silêncio – reclamou Bob. – Ele me crispa os nervos.

– Se eu não estivesse certo do contrário, iria jurar que não há viva alma nestas ruínas. Gostaria de ouvir algum barulho... Mesmo que fosse o grito de um fantasma.

Nem bem acabara de pronunciar estas palavras, um grito apavorante fez os três homens pararem e se olharem espantados.

– Não vão dizer que foi um grito sobrenatural – disse Bob.

– Não seja idiota – replicou Danny. – Não compreenderam que esse grito foi dado por alguém que está sendo torturado? Se os homens da Gestapo conseguiram livrar-se dos policiais e encontraram o sábio, talvez estejam tentando arrancar os segredos, por meio das piores torturas.

– Temos que descobrir de onde ele veio. Não estão agindo com precaução, porque ignoram nossa presença. Vamos colocar os ouvidos ao solo e às paredes.

De bruços no chão coberto de musgo, Henry e seus companheiros, encostados aos muros, esperaram que o grito se repetisse.

Isso não tardou a acontecer. Com as mesmas características do anterior, mas ainda mais aflito e prolongado. Danny afastou-se da parede.

– É do outro lado do muro! – afirmou, excitado. Logo foi acometido de profundo desânimo. – Mas, dá no mesmo, não conseguiremos encontrar a entrada.

– Temos que tentar. Vamos por aqui.

Sem se afastarem muito daquele lugar, percorreram outras duas galerias, em direções opostas, sem o menor resultado. De tempos em



tempos ouviam gemidos. De súbito, Henry, se afastou alguns metros de seus companheiros, tomando um estreito corredor, chamou-os, excitado:

— Ei, venham cá!

Danny e Bob acudiram correndo. Seu companheiro estava diante de uma pequena porta que, sem dúvida, fora colocada ali recentemente. Danny empurrou-a de leve, verificando que cedia. Grudou-se à parede, fazendo um gesto aos companheiros para que o imitassem. Depois empurrou a porta com o pé. Nada aconteceu. Ante a calma que os envolvia, os agentes decidiram assomar as cabeças, cautelosamente.

A peça, apenas iluminada pela escassa lâmpada que entrava do corredor através da porta entreaberta, aparecia mergulhada na escuridão. Percebia ali dentro, em grande confusão, caixas e pacotes de diversos tamanhos.

Bob ia falar quando viu diante de si um par de olhos fosforescentes que o olhavam fixamente. Deu um salto e, levado pelo nervosismo, fez fogo naquela direção. Soou um miado e um gato preto atravessou correndo na frente dos agentes, desaparecendo num abrir e fechar de olhos.

— Diabo! — foi à única coisa que Bob conseguiu dizer.

— Pensou que fosse um fantasma? — riu Henry.

— Não devia ter atirado — murmurou Danny.

— Com isso talvez tenhamos posto nossos inimigos de sobreaviso.

Abriram inteiramente a porta e, num rápido olhar, convenceram-se de que a peça fora destinada pela equipe sueca, ali destacada, a um depósito de víveres e de instrumentos de trabalho. Um exame mais minucioso convenceu-os de que, através dela, não chegariam a nenhum lugar.

Voltaram para o corredor, junto ao muro através do qual Danny ouvira os gemidos. Estes já haviam cessado e os agentes viam nisso um mau presságio. O homem que estava sendo torturado devia ter morrido ou, o que ainda seria pior, tinha falado.

— Pode ser, também, que ele tenha desmaiado — opinou Bob.

Examinando o muro uma vez mais, os três homens caminharam em fila indiana, um pouco distanciados um do outro. Buscavam, em vão, um indício qualquer em algumas daquelas pedras, que poderiam ocultar uma passagem secreta.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

De súbito, às costas de Bob, que vinha por último, uma das pedras girou silenciosamente sobre si mesma, deixando descoberta uma abertura de quase dois metros de altura por um de largura, onde surgiu a cabeça de Hans, que desapareceu com rapidez ao descobrir os três agentes. Falou em voz muito baixa com alguém, enquanto a pedra tornava a encaixar no mesmo lugar.

– Há mais três homens.

– Acha que são, também, agentes americanos?

– É bem possível. Com toda a certeza foram eles que atiraram, embora eu não ache explicação para isso.

– O que é que vamos fazer?

– Vou consultar Franz.

O companheiro de Hans afastou-se, voltando antes de cinco minutos, acompanhado por Van Spen e com instruções que fizeram o comprido espião franzir a testa.

– Hum! – resmungou mal humorado. – Acho que Franz não está bom da cabeça. Tenho vontade de não lhe dar ouvidos, sair para o corredor atrás desses malditos ianques e liquidar os três de uma vez com uma boa rajada, antes que eles possam se dar conta do que está acontecendo. Seria muito mais fácil e mais conveniente do que agarrá-los vivos, como os outros. E para que tudo isso?

– Acho que devemos tentar cumprir as ordens – objetou Von Spen. – Franz sabe o que faz.

– Não sei o que responder. Bem, vamos preparar a armadilha. Não devem tardar a dobrar a esquina.

Paralelamente aos americanos, com a parede entre eles, os três alemães avançaram sem o menor ruído, até encontrarem um tabique. Hans encostou o ouvido ao muro e um de seus companheiros acionou uma barra de ferro, que abriu uma abertura na outra parede, com as mesmas características da anterior.

Esperaram algum tempo. Depois, Hans ergueu a mão e o outro começou a fechar a abertura, procurando fazer ruído. Afastaram-se, ficando à espreita.

Tudo correu como eles esperavam. O ruído atraiu a atenção dos agentes que viram em seguida, à esquerda, a pouca distância da curva, uma rocha enorme que estava começando a fechar uma abertura na parede.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Correram para ela e unindo suas forças, conseguiram fazê-la parar e girar para dentro. Depois, vendo a entrada secreta, olharam-se indecisos.

– Não devemos nos precipitar – aconselhou Danny. – Isso está me parecendo uma cilada.

– Não se decidem a entrar – murmurou Von Spen ao ouvido dos companheiros.

– Claro, não são novatos. Mas isso dá no mesmo. Já temos Mark, que vale uma mina. Vamos, Mark, você já ouviu a voz do chefe do outro grupo.

Mark, excelente ventríloquo, levou as mãos ao rosto. Com uma delas apertou o nariz, enquanto tapava parte da boca com a outra. Depois, num inglês nasal próprio de americanos e com um acento que lembrava, de maneira perfeita, a voz de Jack, gritou:

– Depressa! Venham nos ajudar!

Henry e Bob precipitaram-se pela abertura, sem vacilar. Não podiam duvidar de que o chefe estivesse chamando de dentro e julgaram que da rapidez com que agissem muito dependeria aquele momento. Com as lanternas acesas trataram de orientar-se no enorme porão que viram pela frente. Danny, mais prudente, hesitou, mas em seguida ouviu um barulho de luta e, compreendendo que seus companheiros tinham caído numa cilada, correu para ajudar.

Entretanto, pouco podia fazer. Não podia atirar e avançara menos de três metros sem encontrar amigos nem inimigos, quando sentiu uma coisa roçar em seus ombros, descendo logo pelos braços e aprisionando-os a seu corpo. Tentou se defender, mas um violento puxão na corda derrubou-o. Depois, um objeto duro bateu-lhe na cabeça e ele perdeu a noção de tudo.

Quando voltou a si, pelo simples e cômodo processo da água fria, encontrou-se num quarto muito amplo, iluminado por luz elétrica.

Ali tinha sido montada uma instalação completa, que era um enigma para seus olhos de leigo.

Logo que viram que começava a acordar deixaram-no entre um grupo de homens alinhados contra a parede e que não eram outros senão seus quatro amigos e o oficial português.

Nenhum deles e nem ele próprio, estavam amarrados. Mas em frente e sorrindo com ar divertido estava Franz, no meio de dois agen-



Hotel de Espiões – Gary Belsan

tes nazistas armados de pistolas e Hans com uma metralhadora das usadas pelo exército.

No chão, imóveis, havia os corpos de dois homens de idade avançada. De onde estava Danny podia ver seus rostos, com a horrível rigidez da morte.

Embora compreendendo que se encontrava numa posição muito crítica, o jovem se alegrou ao verificar que todos os seus amigos estavam ilesos. Sua atenção foi reclamada pela voz de Franz e compreendeu que o chefe dos inimigos esperara que todos pudessem ouvi-lo para começar a falar.

– Bem – começou da maneira sarcástica o cruel chefe dos espiões. – Agora já temos, também, inteiramente acordado nosso antigo amigo e colaborador que, pelo visto, logo percebeu seu erro e tentou, valentemente, remediá-lo da melhor forma possível. Sinto dizer que já era demasiado tarde.

Sorriu, percorrendo com um olhar irônico a fila de prisioneiros.

– Não sei e nem vou perder tempo imaginando como conseguiram chegar aqui, atrás de nós, pois, no fim das contas, dará no mesmo. Sinceramente, não acredito que haja mais companheiros seus no castelo. Parece que aqui está todo o grupo de “colegas” americanos, acompanhados de seu desventurado compatriota e deste intrometido oficial que, certamente acompanhou-os para servir de guia. Espero, agora, que estejam muito agradecidos.

Franz fez uma breve pausa. Fizera o possível para preparar aquela cena e seu desenrolar o alegrava.

– Suponho que devem estar se perguntando as razões dessa gratidão – prosseguiu. – É muito simples. Em primeiro lugar, eu deixei o caminho limpo dos policiais suecos. Claro que essa vantagem deve ser em parte ao fato de nós já conhecermos este labirinto de entradas secretas e subterrâneas. Foi assim que pudemos preparar as emboscadas, em ambas as ocasiões muito bem secundadas por Mark, este excelente ventríloquo. Agora, o outro motivo de agradecimento é que podendo acabar logo com vocês, preferimos deixá-los com vida... Por mais uns minutos.

O sorriso de Franz acentuou-se mais ainda. Depois começou a brotar dos lábios um riso estranho, que foi se acentuando pouco a pouco e aumentando de duração, até se transformar numa estridente gargalhada, que tinha algo de sobrenatural.



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Tanto os prisioneiros como os companheiros de Franz olharam-se. Todos tinham dúvidas sobre o estado de sanidade daquele homem que, depois de conseguir dominar o acesso violento, continuou:

– Conservei suas vidas porque quero que, antes de morrer, conheçam nossa vitória e o segredo que, como nós, vieram buscar nessas ruínas. O tal segredo, conseguimos arrancar destes homens. Eram teimosos, mas nós possuíamos meios convincentes de obrigá-los a falar. Claro que são poucos os que conseguem resistir. Eles não conseguiram. E falaram.

De novo passou o olhar de seus brilhantes olhos acinzentados pelo grupo de indefesos prisioneiros.

– Agora vão conhecer as descobertas desses dois homens, na verdade muito interessantes. E nem imaginam o quanto lamento ter que matá-los logo depois, sem que possam comunicá-las a mais ninguém. Na verdade, não sei se isso tem ou não uma grande importância para a fabricação de uma nova arma, mas a suponho que os cientistas de meu país ainda não saibam nada disso. Alguns dos senhores, os que tiverem conhecimentos de energia atômica, devem saber que, até agora, o único elemento retardador conhecido, era a água pesada. Pois bem, estes homens, de quem só pude arrancar o segredo tirando-lhes a vida, descobriram que os núcleos mais adequados para servirem de retardadores eram o dêuton, um isótopo do hidrogênio que entra na água pesada, e os núcleos de hélio, de berilo e de carbono.

Apesar de saber que isso lhe seria inútil, Jack ouvira a sensacional revelação, contendo a respiração. Franz calou-se e um silêncio pesado e estranho flutuou no ambiente.

– O que é que acham? – falou de novo o cínico espião. – Muito interessante, não é? Mas, decididamente, este segredo morrerá com vocês. Ficará em nosso poder e com ele a Alemanha ganhará a guerra e dominará o mundo. Senhores, vão morrer. Os que preferirem, pode voltar-se para a parede e se alguém quiser apressar seu fim, basta que faça um único movimento. Ninguém quer voltar-se? Está bem. Me entregue à metralhadora, Hans. Quero...

Um grito feminino cortou as palavras de Franz. Tudo o que aconteceu, depois, foi vertiginoso e desconcertante. De um modo instintivo e imprudente por parte dos alemães, todos os presentes



Hotel de Espiões – Gary Belsan

voltaram às cabeças para a porta. No umbral desenhava-se a figura de Dúnia Bryan.

Ao grito de Dúnia proferido, mais do que pela inquietante cena, pela insólita presença de Danny, seguiram-se de modo simultâneo, duas exclamações, de surpresa e alegria por parte de Danny e de terror por parte de Franz que, no primeiro momento, julgou-se diante de uma aparição.

Mas o miserável logo se refez, lembrando de que ele não a vira morta e enquanto esta se sentia desfalecer pela comoção, puxou rapidamente um revólver e, antes que alguém pudesse impedi-lo, fez fogo contra a moça, gritando:

– Se for um fantasma, estas balas não lhe farão nenhum mal!

E ao vê-la no chão, sem perceber que ela caíra antes, recomeçou a rir mais convulsivamente do que nunca. O infeliz acabava de perder a razão, para sempre.

Durante essa rápida cena, os prisioneiros haviam entrado em ação rapidamente, em uníssono, como movidos por um só cérebro. Mesmo sabendo que arriscavam as vidas, jogaram-se sobre os inimigos armados, compreenderam que aquela era sua única possibilidade de salvação e, ansiosos por luta e vingança, caíram sobre seus algozes de pouco antes.

Desesperadamente Danny tratou de impedir que Franz atirasse, sem conseguir. Viu, horrorizado, Dúnia cair e, então, jogou-se sobre o louco, atacando com uma fúria assassina.

Franz reagiu, dando gritos e entre os dois travou-se uma luta espantosa. É bem conhecida a força de um louco, mas Danny também estava meio enlouquecido pela possível morte de Dúnia e nenhum ser humano teria sido capaz de detê-lo.

Soaram dois tiros, um dos quais feriu Bob no ombro, mas aquilo foi tudo o que os alemães conseguiram fazer para se defenderem. Hans tentou, em vão, usar a mortífera metralhadora, pois Jack voara sobre ele, derrubando-o.

Mark fizera fogo uma vez. Fora ele quem atingira Bob e não pôde mais atirar. Era ele quem estava mais perto dos prisioneiros e Bob logo reagiu.

Von Spen cometeu um erro. Em lugar de enfrentar Douglas e o português que o atacavam, quis ajudar Mark e apontou para Henry. Mas este percebeu seu propósito e erguendo o inimigo, ao qual



Hotel de Espiões – Gary Belsan

desarmara com um golpe no braço, colocando-o diante de si, como um escudo.

O resultado foi o esperado. Só muito tarde Von Spen percebeu a troca de posições, quando já puxara o gatilho. Mark caiu nos braços de Henry, tombando sem vida, quando este o soltou.

Uivando de raiva, Von Spen voltou-se contra Paulo, que lhe desferira um soco no rosto. Henry recolheu no chão o revólver de Mark e, ainda meio encolhido, atirou levantando o cano. Embora estivesse numa posição forçada, o tiro foi certo. O agente da Gestapo abriu os braços e caiu sem um gemido. A bala atravessara a garganta.

Os agentes vitoriosos voltaram-se para examinar a cena. Henry atendeu Bob, cujo ombro sangrava e Paulo correu para junto de Dúnia. O outro agente recolheu a arma de Von Spen, comprovando num rápido olhar que Jack, que rolava pelo chão, abraçado a Hans, necessitava de ajuda mais urgente do que Danny, que transformava Franz num farrapo humano, arrancando-lhe sangue de todo o corpo.

— Cuidado! — avisou Jack. — Ele tem um punhal!

Hans esgrimia um punhal, de lâmina longa e afiada e tentava cravá-lo no corpo de seu adversário, que infligia um duro castigo.

O agente percebeu que seu chefe estava em perigo e empunhando o revólver de Von Spen, atirou na cabeça do alemão. Hans estremeceu ligeiramente e depois ficou rígido, mantendo ainda na mão direita crispada, o punhal, que se voltava para o teto.

Jack ergueu-se arquejante. Perto dele Franz retrocedia, impelido pelo ataque furioso de Danny. De súbito, um golpe terrível do americano jogou o louco sobre o corpo de seu companheiro.

Aconteceu, então, uma coisa estranha. O rosto de Franz contorceu-se numa careta medonha e, em seguida, caiu para um lado, permanecendo imóvel. O punhal do cúmplice cravara-se no seu coração.

Danny lembrou-se de Dúnia e correu para onde ela estava. Viu-a atendida por Paulo e quase desfaleceu de alegria quando ouviu o português dizer:

— Ela está apenas desmaiada.

E abraçando-a, num impulso incontido, cobriu seu rosto pálido de beijos apaixonados.

* * *



Hotel de Espiões – Gary Belsan

Em um dos mais confortáveis camarotes do "Coimbra", já de novo em alto mar, estavam reunidos Dúnia, Danny, os agentes do FBI e o comandante do navio, acompanhado por seu filho Paulo. Depois das explicações de Danny a moça compreendeu tudo e seu coração encheu-se de alegria quando ela afirmou que não amava Pratkan, antes da visita ao Grande Hotel.

Ela contou toda a sua odisseia. Quando Paulo a deixara, fora aprisionada pelos policiais suecos que a julgaram envolvida no assassinato do companheiro, cujos gritos tinham ouvido. Depois a abandonaram e ela tentara escapar, vagando pelos corredores escuros até o momento em que se apresentara, muito oportunamente, no lugar onde Franz se preparava para metralhar os prisioneiros.

Todos estavam muito alegres. Jack repetia a Danny que, depois de seu relatório, ele seria promovido a capitão e lhe concederiam a licença que desejasse. O chefe do grupo estava radiante com as descobertas feitas e por não ter perdido nenhum de seus homens, já que o ferimento de Bob era sem gravidade. Danny sentia-se muito diferente do que era antes de haver se alistado. Cheio de felicidade estava resolvido a esquecer do passado e recomeçar uma vida nova junto à mulher que amava. O FBI o havia regenerado.

Depois de uma conversa muito animada, o par conseguiu fugir e refugiar-se num canto solitário da cobertura.

Fizeram planos para um futuro feliz e risonho. Em princípio e logo depois que Danny recebesse instruções, pensavam em casar-se assim que chegassem a Lisboa. Depois...

FIM

